# Cidade que brinca



Impressão: PAULUS

Ilustrações: Feik Frasão

Fotografias: Sheila Signário, Guilherme Castoldi

Projeto gráfico: CEB+D Revisão: Danielle Sales

#### Equipe de implantação do Projeto Criança Fala

Idealizadora e coordenadora: Nayana Brettas

Educadores: Julia Horesh, Livia Bello, Cristiane Lima, Tiago Castro, José Roberto da Silva, Rodrigo de Moura, Estefânia

Nazário

As criaturas fantásticas foram feitas pelas crianças participantes do Projeto Criança Fala, realizado no bairro do Glicério, na cidade de São Paulo. Elas estão nos muros, ruas, fachadas das casas do Glicério e foram ilustradas por Feik neste livro.

#### É proibida a venda deste livro

#### Apoiadores:







#### **Nayana Brettas**

# CIDADE QUE BRINCA

#### Com a colaboração de

J. Leonardo Yánez

Julia Horesh

Livia Bello

Cristiane Lima

Tiago Castro

Prefácio

Francesco Tonucci



Vamos encher os pulmões da cidade com o brincar das crianças para termos cidades saudáveis



PREFÁCIO

METODOLOGIA CRIANÇA FALA

PROJETAR

NARRATIVAS

18
APRESENTAÇÃO

ESCUTAR

TRANSFORMAR

APRENDIZADOS TIDOS COM AS CRIANÇAS

CRIATURAS FANTÁSTICAS OCUPAR

DOCUMENTAR

FAZENDO CIDADES
QUE BRINCAM

A CIDADE NA ALTURA DAS CRIANÇAS

ARTICULAR

IMPACTOS E MUDANÇAS

252 BIBLIOGRAFIA

#### PREFÁCIO

## A CIDADE QUE BRINCA

O artigo 31 da Convenção dos Direitos da Criança reconhece que as crianças têm direito ao descanso, ao lazer e ao divertimento. Já no Conselho das Crianças de Roma, discutimos esse direito e como a escola (artigo 28) deveria ser de maneira a defender e a garantir o divertimento tal como estabelecido pela Convenção.

São dois artigos e dois direitos que afirmam duas experiências infantis igualmente importantes. Assim, quem estuda o desenvolvimento infantil não hesita em afirmar que o divertimento constitui a experiência mais importante na história de homens e mulheres, uma vez que representa a experiência predominante no período mais rico e fértil da vida, ou seja, em seus primeiros anos. São dois direitos que deveriam gozar do mesmo respeito e consideração por parte das famílias e da sociedade. As crianças do Conselho, no entanto, afirmam que não é bem assim e que os adultos não as consideram igualitariamente, uma vez que elas passam todas as manhãs e tardes na escola e, durante as férias e feriados, dedicam-se às tarefas escolares, não encontrando tempo para outras atividades.

FRANCESCO TONUCCI
RESPONSÁVEL INTERNACIONAL PELO PROJETO
"A CIDADE DAS MENINAS E DOS MENINOS"

#### Tempo para brincar

A primeira proposta encaminhada pelas crianças foi justamente a garantia de tempo suficiente para brincar. De fato, muito frequentemente, o tempo de nossas crianças, ou pelo menos o das crianças europeias, está distribuído da seguinte maneira: elas passam a manhã na escola e a tarde é reservada para as tarefas escolares. Há também as escolas vespertinas destinadas à prática de atividades esportivas ou artísticas, nas horas que lhes restam, elas ficam diante das telas do computador ou da televisão. Portanto, a primeira batalha que devemos travar em defesa do direito ao divertimento das crianças é solicitar que a escola deixe de atribuir tarefas escolares que devam ser feitas em casa, pois essas tarefas constituem um abuso e um equívoco pedagógico.

Assim, a escola deveria estar profundamente interessada na possibilidade de que as crianças utilizem seu tempo livre para suas explorações, aventuras e brincadeiras sem a presença de adultos, justamente porque as descobertas e as emoções que vivenciam ao fazê-lo constituirão preciosas ferramentas em seu cotidiano escolar.

Comentando de maneira radical essa situação infantil, um menino de Puebla, no México, dizia: "Mamãe, quero ir à escola somente uma vez por semana, pois um dia me basta para aprender o que me ensinam, e nos demais dias quero apenas brincar".

#### A permissão para sair de casa

As crianças não podem mais sair de casa. Mais de 90% das crianças italianas brincam em casa, na maior parte das vezes sozinhas. Não podem sair porque os pais têm medo e consideram a cidade perigosa. Talvez por isso um menino do Conselho das Crianças de Roma dirigiu a seguinte reivindicação ao prefeito: "Queremos da cidade a permissão para sair de casa". E ele ainda solicitou ao responsável pelas políticas urbanas a fazê-lo de maneira que a cidade não seja perigosa, que os pais não tenham medo dela e, consequentemente, que assim pudessem sair e encontrar os amigos para brincar. Aqui temos dois problemas, um de caráter social e um de caráter projetual e administrativo.

13

Por um lado, é preciso ajudar os pais a entender que a cidade não é tão perigosa e hostil, tal como veiculam os meios de comunicação que dedicam

14

demasiada atenção e tempo aos piores fatos cotidianos. Que a cidade onde puderam crescer suficientemente livres e autônomos provavelmente era mais perigosa que a cidade de hoje. Infelizmente, a violência cometida contra as crianças, assim como contra as mulheres, existe e é intolerável, mas não ocorre nos espaços públicos e por obra de desconhecidos. Muito pelo contrário, quase sempre ela se dá no âmbito familiar ou em lugares seguros, praticada por adultos conhecidos, respeitados e muitas vezes amados. A maioria dos incidentes que envolvem crianças ocorre dentro de casa ou dentro do carro dos pais. A casa e o carro da família são os locais mais perigosos para uma criança. É possível estabelecer um diálogo com as famílias, um diálogo franco para que elas tenham menos medo, convidem os vizinhos e mobilizem os comerciantes de modo a oferecer pontos de referência e assegurar que elas possam deslocar-se sozinhas.

#### Da cidade dos carros à cidade das pessoas

Nas últimas décadas, as cidades escolheram o trabalhador adulto do sexo masculino como um protótipo de cidadão, inclinando-se a todas as suas demandas, mas esqueceu-se de todos aqueles que não são trabalhadores adultos de sexo masculino.

Todavia, a culpa mais grave de nossas cidades modernas foi ter considerado o automóvel o titular dos maiores direitos em detrimento das próprias pessoas. O carro tem tomado espaços cada vez maiores nas vias públicas, reduzindo aqueles destinados aos pedestres. Ele tem ocupado quase completamente os espaços públicos, agora utilizados como estacionamento, e tem exigido postos de gasolina e sinalização de trânsito nas cidades históricas, poluindo o ar e produzindo muito barulho. O carro mata mais pessoas que uma guerra! É impressionante pensar que um instrumento criado para nossa comodidade possa matar seu proprietário.

15

A cidade deve repensar sua vocação e voltar a ser um lugar de encontro e de trocas entre todas as pessoas. Deve, portanto, alterar suas prioridades e considerar, primeiramente, as crianças em relação aos adultos e os pedestres em relação ao carro. Isso significa reconhecer os direitos prioritários das pessoas, o de se deslocar livremente e em segurança pelas cidades, vias e espaços públicos, para qualquer finalidade social, independentemente de

#### A cidade que brinca

16

Uma cidade que desenvolve uma política em prol da mobilidade autônoma deverá aumentar os espaços destinados aos pedestres e diminuir as consequências geradas pelo automóvel particular. Deverá garantir espaços aos pedestres, fazendo com que o carro dê prioridade tanto no acesso aos estacionamentos e garagens quanto cedendo a passagem aos pedestres nas vias públicas. Deverá também reduzir a velocidade no perímetro urbano, restituir o espaço público aos cidadãos e, portanto, renunciar aos estacionamentos urbanos. Deverá, por fim, fazer com que, dentro da cidade, a mobilidade seja uma prioridade de pedestres, ciclistas e meios de transporte públicos, permitindo o uso do automóvel privado somente em situações imprescindíveis.

Nesta cidade, será possível diminuir o medo das famílias e, consequentemente, as crianças poderão sair com seus amigos para ir à escola e para deslocar-se e brincar no período da tarde. As crianças não serão mais dependentes dos parquinhos, sempre iguais, horizontais, fechados por grades e

cancelas, com seus brinquedos fastidiosos, iguais em qualquer parte do mundo. As crianças poderão escolher os locais adequados para suas brincadeiras, tendo em vista suas ambições, sua faixa etária. Começarão pelas escadas e pátios domésticos, para em seguida ocupar as calçadas, as praças e os jardins, os terrenos baldios e as margens dos rios. O local de divertimento das crianças será a cidade e, sua garantia, a própria cidade.

Em respeito ao artigo 31 da Convenção dos Direitos das Crianças, serão retiradas todas as placas que proíbem a brincadeira. Que valha como exemplo uma placa que fotografei no bairro de Miraflores, em Lima, no Peru, contendo a seguinte mensagem: "Proibido jugar pelota excepto niños" (Proibido jogar bola, exceto crianças).

#### APRESENTAÇÃO

# SEJAM ACDADE BRINCA

#### **NAYANA BRETTAS**

FUNDADORA DA CRIACIDADE E IDEALIZADO-RA DOS PROJETOS CRIANÇA FALA E CIDADE OUE BRINCA Ao abrir a porta de casa, você encontra uma carta que diz:

Você é nosso convidado especial para conhecer uma cidade que brinca, ocupada, projetada e transformada pelas crianças. O foguete partirá hoje às 11h11. Leve na mala alegria, encantamento, amor, sonhos reais, olhos curiosos e muita abertura ao novo! Seja bem-vindo! Assinado: As crianças.

Você resolve aceitar o convite, faz suas malas e embarca nesse foguete. Ao entrar nele, você encontra muitas pessoas que também aceitaram esse convite: estudantes universitários, gestores públicos, profissionais da educação, saúde, assistência social, professores universitários, profissionais de empresas, organizações sociais, famílias.

O foguete aterrissa. Ao chegar nessa cidade, você

vê as crianças e professores das escolas CEI Quintal da Criança, EMEF Duque de Caxias e EMEI Alberto de Oliveira dando cor e vida aos sonhos e histórias das crianças nas fachadas das casas, escolas, ruas e calçadas. Ao caminhar pelas ruas, você escuta o som das alfaias do maracatu e, ao virar a esquina, encontra quatrocentas crianças que caminham em cortejo e que vão abraçando as pessoas, fazendo pernas aceleradas pararem e bocas sisudas sorrirem. As ruas estão ocupadas com programações culturais organizadas pelo Coletivo Glicério pela Vida, um coletivo de jovens moradores do bairro.

Você segue pela rua e encontra crianças subindo e descendo nas caudas das ondas do mar do dinossauro, escorregando nas escamas de um jacaré, subindo no pescoço de duas girafas dos mobiliários lúdicos urbanos criados em parceria com o Coletivo Leve. A viagem chega ao final e, antes de ir embora, você dá um abraço apertado de agradecimento em todos aqueles que fizeram acontecer essa cidade que brinca.

Dá abraços nas crianças, famílias, moradores do Glicério, nas escolas EMEF Duque de Caxias, EMEI Alberto de Oliveira, CEI Quintal da Criança, Igreja da Paz, CCA Irmã Derly, UBS Sé, Coletivo Glicério pela Vida em especial Diego Moreira, Douglas Pardal, Xand dos Santos, Carina Barros, Vinicius Almeida, Alexandro, Alex Souza, Alex Sandro Duarte, e nos apoiadores Fundação Bernard Van Leer, Tintas Coral – Tudo de Cor para Você, na equipe do Projeto Criança Fala (Cristina Surian, Cristiane Lima, Tiago Castro, Livia Bello, Julia Horesh, Estefânia Nazário, José Roberto da Silva, Rodrigo de Moura, Sergio Mello, Igor Pires, Fabia Pires, Robson) nos fotógrafos Juliana Rosa, Lucas Prada, Anthony Kunze e Sheila Signário, na equipe de produção de vídeo: Natalie Hornos Lima, Lili Fialho, Danilo Rosa, Anelena Toku, na equipe de avaliação de impacto: Move Social e IDIS. No Coletivo Leve, no Art in Home – LSF, na Faculdade de Arquitetura Belas Artes em especial Denise Xavier e Débora Sanches, no Instituto Kobayaschi, no Red Bull Amaphiko em especial Ricardo Mello, Gabriela Pacheco e Camila Mello, na Rede Arquitetos Transformadores, no Grupo Ocupa Amores, na Ipa Brasil, na Kombi de Jogos, no Embatucadores, na Lei Di Dai, na Acupuntura Urbana, na Aldeias Infantis, no Instituto C&A, no Unicef, no Vital Didonet, no Imargem, nos artistas grafiteiros: Frasão

23

De onde estiver, seja de São Paulo, do Rio de Janeiro, de Salvador, do Brasil, da Itália, escute as crianças e faça com elas uma cidade amiga das crianças, uma cidade que brinca.

Feik, Malaca, Vitones, Guilherme Akbo, no Grupo

Mergulhatú, na São Paulo Carinhosa, na Diretoria

Regional de Educação Ipiranga em especial Erika

Freitas e Elisabeth Dias, na Secretaria Municipal

de Cultura, na SP Turis, na CET, na Subprefeitura

Sé, na Amlurb, ao André Gravatá e Maurício Curi,

Ao subir no foguete, as crianças te entregam uma

e toda rede de voluntários

carta e um livro, onde está escrito:

Neste livro que estamos te entregando, iremos te ajudar a criar este caminho, com as experiências do Projeto Criança Fala, realizado no bairro do Glicério, na cidade de São Paulo, para que você possa fazer esta cidade que brinca, amiga das crianças, junto com elas.

Nele você encontra textos de inspiração do caminho percorrido (escutar, ocupar, articular, projetar, transformar e documentar), o que foi realizado nos caminhos percorridos pelo Projeto com fotos e narrativas de quem participou do Projeto. Acreditamos na construção dos caminhos pelos passos de cada pessoa. Cada um carrega nos pés suas histórias, experiências, referências, formas de ser, estar e sentir o mundo que lhes são única, o que torna cada um singular. Há um caminho, mas você que dá os passos e escolhe se será de curvas, retas, subidas.

Beijos de sonhos reais Assinado: Nayana Brettas"



#### CRIATURAS FANTÁSTICAS

CRIATURAS FANTAS-TICAS DO BAIRRO GLICÉRIO

Conheça as criaturas fantásticas criadas pelas crianças do bairro do Glicério, na cidade de São Paulo, que você vai encontrar nas páginas deste livro!

Você pode ir até o Glicério e brincar de procurar estas criaturas fantásticas! Elas e outras criaturas fantásticas que têm poderes de ajudar a cidade estão espalhadas nos muros, ruas, fachadas de escolas, casas na Rua dos Estudantes, na Rua Sinimbu, na Vila Suiça, na Praça Doutor Mario Margarido, na rua Anita Ferraz!

Se encontrar com alguma delas compartilha no facebook ou no instagram com #imaginac.



DESENHO DA CRIANÇA

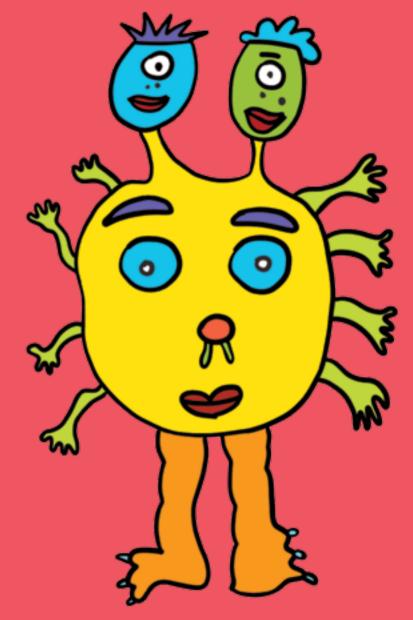


ILUSTRAÇÃO DO ARTISTA FEIK



GRAFITE DO ARTISTA KISSO NA ESCOLA EMEF DUQUE DE CAXIAS

# A CIDADE ALTURA CRIANÇAS URBAN95

**J. LEONARDO YÁNEZ** REPRESENTANTE SÊNIOR DA FUNDAÇÃO BERNARD VAN LEER Por mais de sessenta anos, a Fundação Bernard Van Leer tem investido na primeira infância. Convencidos da importância dessa primeira fase do desenvolvimento humano, a Fundação tem promovido programas inovadores de cuidados infantis em mais de cinquenta países. Para tanto, a Fundação tem contado com milhares de parceiros locais para combinar os avanços na ciência em nível mundial com as peculiaridades culturais de cada contexto.

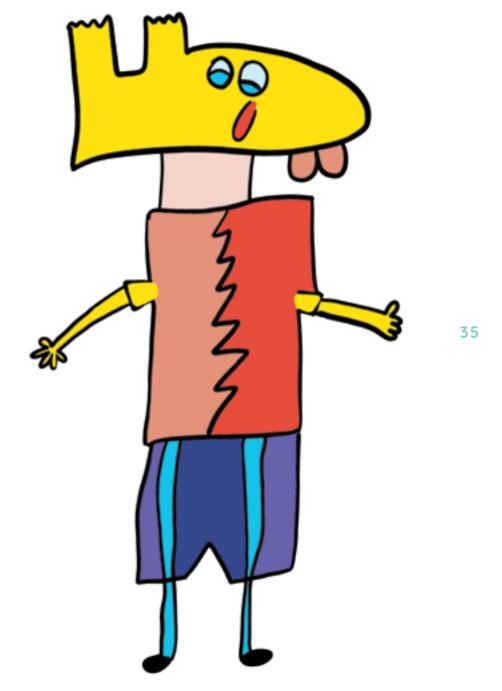
Os recentes avanços na ciência confirmaram o êxito dessa estratégia graças às contribuições da neurociência e da economia que enfatizam a importância dos primeiros anos de vida. As mais de setecentas conexões neurais durante o primeiro ano de vida dizem-nos que a atividade cerebral nessa idade é maior do que o dobro da atividade cerebral de um estudante de doutorado em filosofia ou qualquer outra disciplina.

Depois de investir em vários programas de primeira infância, a Fundação escolheu duas soluções estratégicas com potencial para alcançar o pleno desenvolvimento da criança. A primeira é dar suporte aos principais cuidadores (mãe, pai ou outro cuidador) por meio do apoio direto às famílias. A

segunda é prestar atenção nos ambientes físicos e sociais em que as crianças crescem. Chamamos esta última de Urban95 porque 95 centímetros é a altura média mundial de uma criança de 3 anos, segundo a Organização Mundial da Saúde. A área urbana foi escolhida porque projeções demográficas indicam que mais de 75% da população viverá em cidades até 2050 (atualmente, já são 55% dela).

A proposta parte de uma questão para aqueles que projetam cidades. Se você tivesse de considerar a perspectiva de uma pessoa de 95 centímetros ou menos, o que faria diferente na cidade?

Considerando as adaptações da cidade em termos de participação dos cidadãos, o acesso a serviços essenciais para as famílias com crianças desde a gestação até 3 anos de idade, a mobilidade urbana, o espaço físico de resgate para o encontro entre vizinhos e espaços para brincar das crianças, podemos dizer que uma cidade que é boa para essa população será boa para muitos outros grupos de cidadãos.



# METODO-LOGIA CRIANÇA FALA

#### **NAYANA BRETTAS**

FUNDADORA DA CRIACIDADE E IDEALIZADO-RA DOS PROJETOS CRIANÇA FALA E CIDADE QUE BRINCA METODOLOGIA

Acredito na construção dos caminhos pelos passos de cada pessoa. Cada um carrega nos pés suas histórias, experiências, referências, formas de ser, estar e sentir o mundo que lhes são única, o que torna cada um singular. O que compartilho com vocês é o caminho que eu percorri para implantar o Projeto Criança Fala para fazer uma Cidade Que Brinca com as crianças, não como uma receita de bolo, mas como uma contribuição e inspiração para você construir seus caminhos de ocupar, pensar e transformar cidades, comunidade e o mundo com as crianças. Há um caminho, mas você que dá os passos e escolhe se será de curvas, retas, subidas.

Após a implantação do Projeto Criança Fala, no bairro do Glicério, na cidade de São Paulo, que teve duração de dois anos, iniciei uma série de viagens pelo Brasil. Nelas, fui percebendo que, em cada situação vivida, com cada pessoa que conhecia e com a qual me conectava, estavam os aprendizados que tive com as crianças e todo o caminho que percorri na implantação do Projeto Criança Fala.

Para que esses aprendizados e o caminho percorrido possam se espalhar pelo Brasil e pelo mundo, nasce o Imagina C, um movimento de conexão

com a criança, para que possamos aprender com as crianças e nos transformar enquanto indivíduos para transformar a cidade, a comunidade e o mundo junto com ela.

#### Filosofia e princípio

Dar visibilidade, escutar e valorizar as crianças para pensar e transformar as cidades, comunidades e o mundo com elas

#### Essência da metodologia

- Alegria
- Arte

38

- Poesia
- Brincar
- Amor (vínculo afetivo)
- Escuta sensível
- Criatividade
- Fazer junto com todos da sociedade (rede intersetorial)
- Valorização dos sonhos de cada um
- Respeito e valorização dos caminhos, experiências, referências e histórias de cada um

METODOLOGIA

- Identificação e valorização do potencial de cada um
- Empatia
- Convites de gentilezas
- Conexão com você e com o outro
- Conexão com o coração
- Transformação
- EscutAção (escuta transformada em ação)

A metodologia é fruto de mais de 15 anos de estudos e experimentações de Nayana Brettas (idealizadora e fundadora do ImaginaC e da CriaCidade) junto às crianças e à cidade. Com base nesta metodologia, resumida abaixo, criou-se a ação prática deste material, que é o Jogo ImaginaC.

O fundamento não é moldar as pessoas dentro de um sistema, mas dar-lhes um caminho inspirador a seguir, para que possam com seus próprios pés caminhar nesta jornada de conexão com a criança e a cidade e, assim, valorizar as individualidades, histórias e potenciais de cada um que compõem o todo.

#### Conexão com você mesmo e conexão com sua criança interna

É preciso se compreender para entender o outro: adulto ou criança. Portanto, o primeiro passo é conectar-se com você mesmo. E não só, ao buscar respostas para quem é você hoje, terá de entrar em contato com sua criança interna, com a criança que já foi, e que ficou adormecida dentro de você.

#### Confiança em si mesmo

Aumentar sua confiança interna é o primeiro passo para se conectar com o outro, para realizar ações e mudanças em sua cidade, comunidade e no mundo. Para realizar o novo, você precisa confiar em você, no teu sonho, na tua ideia, no teu potencial de fazer acontecer.

#### Conexão com as crianças

Compreender o rico mundo das crianças, dos seus alunos ou de seus filhos, é o que move o Imagina C. Nesta etapa, você entrará em contato com o poder de percepção e transformação das crianças, ao passo que as valoriza, dá voz a elas nesta etapa.

#### Conexão com o entorno: a cidade

Muitos de nós vivemos numa bolha e não nos conectamos com o lugar em que vivemos. Não enxergamos a cidade e os outros que nela habitam como base de nossa própria morada. O segredo do sucesso do ImaginaC está nesta etapa de descobrir que a barreira entre o seu mundo interno e o mundo exterior é apenas psicológica: não há barreira.

#### Conexão com o outro: escuta, diálogo, empatia

Ao escutar, aprendemos com o outro. Ao dialogar, trocamos aprendizados. E, nesta escuta e diálogo aprendemos a nos colocarmos no lugar do outro, percebemos que estamos juntos no mesmo caminho de transformação.

#### Brincar

O brincar é mais um aprendizado que devemos às crianças: uma forma leve de criar vínculos afetivos com o outro, exercendo a criatividade que leva ao novo, a novos pensamentos, a quebra de paradigmas.

#### Transformação: observando

Caminhar com os olhos atentos e curiosos pela cidade, com olhos de criança, para que possamos nos conectar e descobrir a cidade, a comunidade em que vivemos. Mesmo numa cidade hostil e não amigável, encontrar sutilezas e belezas. E também identificar o que podemos fazer para melhorar nosso entorno, nossa comunidade, nossa cidade.

#### Transformação: fazendo junto

Após a observação do seu entorno em que vive você conseguirá pensar o que gostaria de ver nele, o que pode ser melhorado e assim convidar outros a realizar estas mudanças. Esta etapa final é o objetivo do ImaginaC: pensar e transformar as cidades pelas pessoas, para as pessoas.

#### Compartilhar a experiência

Compartilhar a experiência do seu caminho de conexão com a criança e a cidade para inspirar e incentivar outras pessoas a percorrê-lo também!





01

# ESCUTAR AS CRIANÇAS

#### \_\_\_\_\_\_

# A escuta das crianças que encontra as sutilezas

NAYANA BRETTAS

FUNDADORA DA CRIACIDADE E IDEALIZADO-RA DOS PROJETOS CRIANÇA FALA E CIDADE QUE BRINCA Escutar o outro é a abertura, a disponibilidade e a qualidade de presença para escutar a si mesmo por meio da integração das diferentes partes do corpo na busca de, primeiramente, compreenderse para que possa se colocar no lugar daquele que está diante de nós e, assim, escutá-lo.

Escutar é estar consigo e com o outro.

Escutar é estar atento às sutilezas que vão além do apenas ouvir os sons e as palavras que saem pela boca, é sentir pelos olhos, mãos, ouvidos, corações, paladar, pés, é sentir com e por todo o corpo.

Ao escutar a si, você se compreende. Ao se compreender, você compreende e apresenta quem você é para o outro e, assim, estabelece uma comunicação fluida que cria uma rede de conexões. A escuta possibilita o autoconhecimento que conhece o outro, que vai de encontro do teu eu com o outro.

Nos meus trajetos pela cidade, busco escutar o encantamento, a alegria, o brincar, os risos, as vozes, as conversas, os sonhos, os olhares, os abraços inesperados das crianças.

Vivemos tempos em que apenas ouvimos as palavras que saem da boca de uma criança, mas pouco nos disponibilizamos a escutar o que elas

têm a dizer e a nos ensinar por meio das diferentes partes do seu corpo, pois a disponibilidade e a prontidão para a escuta se iniciam por uma escuta de si, e não estamos silenciando para nos escutarmos antes de ouvirmos o outro.

A escuta não requer pressa. Ela precisa de tempo, tempo de ser e estar com qualidade de presença.

Nessa busca de escutar as crianças, nasceu o Projeto Criança Fala, no bairro do Glicério, na cidade de São Paulo, que ensinou a me escutar para poder compreender as diferentes formas de comunicação, expressão, de ser e estar das crianças no mundo que encantaram minha alma e meu corpo.

Nessa escuta das crianças, fomos juntos transformando e ocupando os espaços públicos do bairro do Glicério. Em cada rua, beco, esquina, casa, muro ou praça, vemos a escuta das crianças reverberando luz, alegria, brincadeira, amor, encantamento, cor!

Escutar as crianças é aprender a ver as sutilezas e bonitezas da vida.



CIDADE QUE BRINCA





Convido você para escutar as crianças percorrendo um caminho! Esteja aberto ao novo e para aprender com as crianças e aceitando os seus convites para entrar em seu mundo brincante e imaginativo.

- Crie vivências lúdicas para escutar as crianças com todo o corpo. Nessa escuta, busque captar as linguagens verbais e não verbais, os silêncios, as emoções, a relação das crianças entre si e com as outras pessoas e com os espaços. Na vivência lúdica, você pode, por exemplo, construir um foguete e convidar as crianças para embarcar nele e, juntos, serem investigadores da cidade para que possam repensá-la e transformá-la. As crianças recebem uma caixa com lupa, bloco de anotações, uma luneta feita de rolo de papel higiênico, saquinho para colocar o que coletarem. Cada grupo de 5 a 8 crianças recebe uma caixa de investigação nesse caminhar pela cidade.
- Após a brincadeira de expedição urbana, é feita uma roda de conversa com as crianças onde se fala sobre o que viram e o que precisa ser transformado. Pede-se que escrevam, façam colagens e desenhos que serão enviados por meio de uma

carta contando o que viram nessa cidade para a pessoa que enviou o foguete. Você pode extrair dessa vivência informações para construir planejamentos urbanos com as crianças. Registre as principais falas e comentários das crianças e pense, junto com elas, como viabilizar suas ideias (escutAção).

- A observação do brincar das crianças e da maneira como elas se relacionam com o espaço nos traz elementos para projetos arquitetônicos de espaços para brincar e de mobiliários urbanos. Uma pergunta para nortear a observação: quais sensações e relações as crianças buscam ter nestes espaços? Subir, descer, escalar, contato com o frio, o liso, o ondulado, o áspero, o metal, a madeira, a terra, a grama?
- A construção de maquetes utilizando caixas de papelão, blocos de madeira, de encaixe e massa de modelar traz para o concreto as vivências lúdicas, a observação do brincar, as rodas de conversas;
- Oficinas de criação de criaturas fantásticas. Peça que as crianças fechem os olhos e imaginem essa criatura fantástica. Do que são feitos os olhos, braços, cabelos, pernas, rosto, barriga dessa

criatura? Quais as cores? Quais os superpoderes que ela possui para ajudar o mundo? Onde ela mora? Qual é o seu nome? Qual é sua história? A criatura fantástica pode ter mãos de galhos, barriga de coração, mãos de pássaro, de torneira. Deixar fluir a criatividade. Cada criança pode criar sua criatura fantástica individualmente ou você pode fazer uma roda em que cada um fala sobre um pedaço dela: uma criança diz que tem olhos de fogo, outra fala que tem braços de dinossauro e uma ou mais crianças ficam de costas desenhando e, depois, mostra o desenho para todos.

• Espalhar as criaturas fantásticas pela cidade. Depois de criado esta criatura fantástica, desenhe-a ampliada com giz de lousa em muros, fachadas de casas, escolas, ruas e calçadas para que as crianças possam pintá-la. Depois de escolhido o local que será pintado é preciso pedir autorização para o proprietário e, no caso de ruas e calçadas, entrar em contato com a Prefeitura ou Sub Prefeitura. Você também pode transformar a criatura fantástica em um mobiliário lúdico urbano! Peça ajuda de um arquiteto para

• Escutar não é fazer um monte de perguntas, mas sim silenciar e ter a sensibilidade de sentir e compreender o que o outro quer nos dizer. Antes de escutar as crianças, feche os olhos, faça três respirações profundas e fique 5 minutos se conectando com sua criança interior. Para se conectar com o outro, é preciso antes se conectar consigo mesmo.

desenvolver o projeto e pensar nos materiais mais

apropriados para os espaços públicos. Explore os

muros, calçadas largas da cidade para instalar os

mobiliários. Entre em contato com a Prefeitura

para solicitar a autorização para instalação e

converse com os moradores do entorno do local

que será instalado para que criem relação de

cuidado e pertencimento. Você pode também

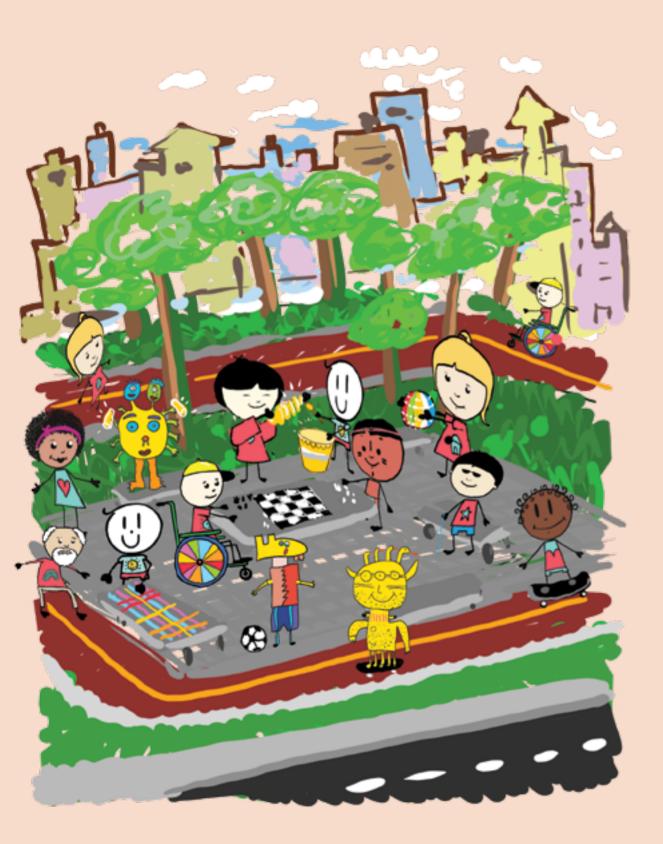
fazer adesivos das criaturas fantásticas para

colocar nos vidros dos carros e casas.

• Evite tirar fotos e fazer anotações durante as vivências lúdicas para que isso não tire a **qualidade da sua presença**. Você deve estar inteiro no momento de escuta das crianças. Se possível,

peça a outra pessoa que faça o registro. Se não for possível registre assim que terminar a vivência, se não tiver muito tempo após terminar a vivência, registre palavras chaves que vão fazer você lembrar depois na hora de detalhar o registro.

- A escuta requer tempo, ela não requer pressa para que seja respeitosa e de qualidade. Faça as vivências lúdicas de escuta com tempo. Menos é mais!
- A escuta requer vínculo afetivo, por isso, evite fazer as vivências lúdicas com grupos com mais de oito crianças para cada adulto.
- Não diga que uma ideia é impossível. Deixe a imaginação das crianças fluir, e elas mesmas darão sugestões para viabilizá-la.
- Não direcione o pensamento da criança para escutar o que você quer ouvir. Esteja aberto ao inesperado, ouça o que você não imaginava escutar. Coloque-se na posição de escutador.
- Abaixe-se para escutar a criança olhando nos olhos dela, na sua altura.
- Escute para além da palavra, escute com todo o corpo nas diferentes formas de linguagem da criança.



02

# OCUPAR OESPAÇO PÚBLICO COM AS CRIANÇAS

### A rua para além da rua

Caminhar exige cuidado, olhar atento e disposição para mudar a rota. Foram diferentes os caminhos do fazer junto com as crianças, mas todos tinham como premissa a valorização das singularidades, o conhecimento e o reconhecimento das histórias, a valorização das diversidades, a afirmação da diferença e do fazer coletivo.

O primeiro desafio foi tocar no que muitas vezes nos é invisível em meio à grandiosidade das cidades e suas construções: a rede das relações que nos atravessam – as origens, os gostos e as afinidades, os fazeres mais cotidianos, o detalhe. Na brincadeira de investigar quem somos, as crianças trocaram histórias das antigas gerações e das diferentes paisagens das suas pequenas e já muito ricas trajetórias. Nas suas memórias contadas, percorremos os interiores da Bahia e sua imensidão, o Ceará cheio de riquezas imaginado, as fronteiras distantes da Síria, do Paraguai e do Paquistão, os sotaques e musicalidades de Pernambuco e do Maranhão. Essa teia de histórias, multicolorida e trançada por muitas mãos, começa a se tornar visível no caminhar com as crianças pelas ruas do Glicério: está nas sonoridades das vozes, nos

traços, nos cheiros, nos jeitos de estar e circular.

Dos encontros com o bairro, surge o cruzamento dessas muitas faces, e as crianças ultrapassam os limites da identidade, contando uma história que deixa de ser apenas delas, e experimentam a construção coletiva de um novo olhar sobre o Glicério. À medida que há curiosidade, que conhecemos e reconhecemos nossa história, nossa cultura, nossas linhas constituintes, abrimos possibilidades para criarmos: "É o saber da história como possibilidade e não como determinação. O mundo não é. O mundo está sendo" (Freire, 2011, p. 74).

Aos poucos, as vozes das crianças foram ganhando eco. Uma voz ativa, forte para cantar, opinar, intervir, decidir e criar — autora de sua própria história e criadora de novos possíveis. As crianças fizeram um bonecão que era um retrato da diversidade presente no Glicério: cabelos crespos e lisos, olhos azuis e orientais, pele preta e branca. Ocuparam as ruas com seus desenhos e ideias para o bairro, construíram criaturas fantásticas, que foram para os muros e passaram a contar histórias que hoje vivem no livro de fotonovelas "Cada Criança é Diferente".

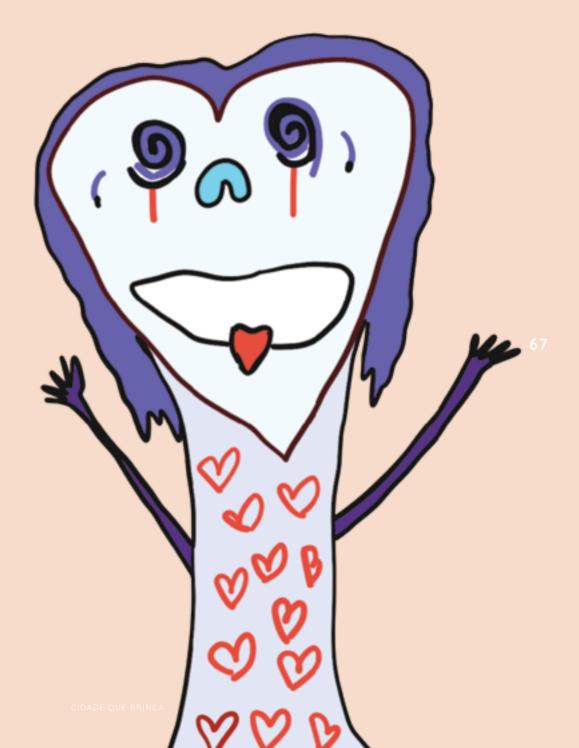
Brincar na rua já não era um acontecimento separado do cotidiano, tornou-se movimento próprio das crianças. O processo de sair em cortejos musicais ganhava cada vez mais forma e força. Os cinco tambores que saíam acompanhados de algumas crianças foram aos poucos se multiplicando em vozes que cantavam juntas, em um andar que não estava à toa na cidade. As ruas se tornaram um grande elo entre as pessoas. Os cortejos se tornavam cada vez mais um espaço de experimentação e decisão coletiva, onde crianças de três a doze anos estavam juntas, cantando as mesmas músicas, permeando a cidade com afetos. Não importava se estávamos em 20 ou 440 crianças e adultos (que foi o nosso maior cortejo!). O que era mais potente era caminhar pela cidade, juntos, nesse grande coletivo, afirmando assim que a cidade é o lugar de se estar!

Assim, as crianças cada vez mais ocupam as ruas em uma relação direta com a cidade, reconhecendo que é estando na rua que podemos transformá-la. A possibilidade de marcar a cidade com suas expressões abre espaço para a criação de novas estéticas e saberes, novos regimes de sensibilidade e soli-

dariedade, que fogem dos domínios hegemônicos.

Nesse fazer junto com as crianças, é preciso ser um facilitador apenas. Ajudar nas cores, nos sons, fazer frente ao movimento para que ele consiga extrair o máximo de beleza possível. O foco é no acompanhar, mediar, e não no fazer pelo outro. "Não é segurando nas asas que se ajuda um pássaro a voar. O pássaro voa simplesmente porque o deixam ser pássaro" (Mia Couto). Que os caminhos trilhados nesses voos sejam cada vez mais autorais. Que partam das experiências e da potência que há no ato da criação, singular e que afirma a vida em sua plenitude.













Caminhos para ocupar o espaço público com as crianças

Antes de transformar o espaço público, é importante ocupá-lo para criar sentimento de pertencimento e de apropriação das pessoas para com ele. Convido você a experimentar este caminho compartilhado abaixo para ocupar os espaços públicos com brincadeiras, teatros, contações de histórias, danças, shows:

- Mapeamento das ruas em potencial para realizar as ações de ocupação. No Glicério, identificamos ruas sem saída que eram por si só seguras para as crianças brincarem. Se não houver ruas sem saída, escolha ruas com pouco movimento de carros e solicite nos órgãos públicos mais próximos o fechamento da rua para o evento. Identifique ruas que tenham maior número de crianças e escolas nas proximidades.
- Faça convites com gentilezas para que as pessoas tenham vontade de ocupar o espaço público. Visite casas, equipamentos públicos e organizações sociais do bairro para se aproximar da comunidade e, assim, criar vínculo afetivo e de confiança para ter adesão nas ações de ocupação dos espaços públicos.
- Construa planejamento das ações de ocupação

dos espaços públicos com a comunidade.

- Procure o órgão público da sua cidade para solicitar o formulário de fechamento da rua para o evento. Na cidade de São Paulo, este formulário você solicita na subprefeitura de sua região e preenche com as seguintes informações: nome do evento e do responsável, data do evento, nomes das ruas que serão interditadas, dias e horários, memorial descritivo do evento e croqui do mapa da rua do evento. Envie o formulário com um mês de antecedência do evento. A autorização é assinada pelo CET e é liberada de um a dois dias antes da data do evento. Esteja com a autorização em mãos no dia do evento para apresentá-la ao CET. O organizador do evento é responsável pelos materiais de fechamento da rua, como cones. fita zebrada e cavaletes.
- Crie um espaço convidativo e acolhedor no espaço público para que as pessoas queiram permanecer nele, com tapetes, almofadas, cadeiras e tendas, por exemplo. Faça da rua uma sala de estar. É importante mapear os potenciais artísticos da comunidade e convidar essas pessoas para ocupar as ruas com teatro, música,

brincadeiras, mediações de leitura, contação de histórias e danças.

• Registre e documente as ações de ocupação do espaço público com fotografias, vídeos e registro das falas das pessoas sobre a experiência de ocupar o espaço público.

Convido você a experimentar este caminho abaixo para ocupar os espaços públicos com cortejo de música (maracatu):

- Sensibilização e apresentação para as escolas da proposta do cortejo de música com as crianças para se fazer pelas ruas do bairro.
- Mapeamento dos trajetos do cortejo.
- Realização de encontros de planejamento com as pessoas e escolas interessadas em realizar o cortejo para que possam juntos planejá-lo. O tema do cortejo e o trajeto do cortejo deve ser definido em conjunto.
- Em cada escola ou instituição, deve-se trabalhar o tema do cortejo com as crianças e produzir algo para que possa ser distribuído no dia do cortejo, como desenhos, objetos e poesias.
- Construção de instrumentos musicais com

materiais recicláveis junto com as crianças, como chocalhos e tambores.

- Encontros semanais com as crianças interessadas em tocar alfaias e cantar nos cortejos de maracatu.
- Concentração de todas as crianças e adultos no local escolhido para saída do cortejo para fazer um ritual de chegada: este é o momento de reunir todos antes de sair pelas ruas e fazer os combinados. Para facilitar, coloque uma corda para que as crianças possam ficar dentro desse espaço, pois assim fica mais fácil caminhar pelas ruas em grupo quando há mais de cem crianças juntas. Organize as crianças por sala, e cada professor fica com seu grupo.
- Faça paradas, em praças ou em ruas para fazer uma brincadeira, um sarau, uma contação de histórias, receber um convidado ou para fazer uma aula pública. As escolas devem planejar essa ação com antecedência.
- Retorno do cortejo até o local combinado.
- Momento de fechamento do cortejo com uma música, ciranda, lanche coletivo.
- Registro do cortejo com vídeos, fotos e falas.

#### FIQUE ATENTO!

Ao ocupar espaço público com brincadeiras, mediações de leitura, música, teatro e dança.

- Ocupe o espaço público com periodicidade para criar um sentimento de pertencimento. Para se criar o hábito de ocupar o espaço público, é preciso que você convide as pessoas e organize as ações. Depois, as pessoas vão criando o hábito de ocupar por si só. Durante seis meses, convide as pessoas e organize ações de ocupação do espaço público a cada quinze dias. Nos últimos dois meses, diminua a frequência para uma vez ao mês, para que as pessoas possam ir tendo autonomia de irem elas mesmas ocupando os espaços públicos.
- Criar autonomia na comunidade, para isso, realize encontros mensais com crianças, famílias, profissionais da educação, saúde e assistência social para que possam, juntos, planejar as ações de ocupação do espaço público.
- Dimensione a quantidade de ações e pessoas no espaço da rua. Não deixe as pessoas nem tão juntas nem tão separadas.

- Tenha uma pessoa nos fechamentos da rua que possam conversar com as pessoas que dirigem carros a fim de que estas não tirem os cones.
- Deixe espaço livres para as crianças correrem e brincarem sem tropeçar. Monte espaços de tendas e coloque tapetes nas laterais ou nas extremidades da rua
- Proponha ações para que todos sejam convidados a participar juntos: crianças, adultos e idosos.
- Envie o formulário de fechamento de rua para a subprefeitura com um mês de antecedência. Envie e-mail para a subprefeitura com uma semana de antecedência a fim de acompanhar o processo de autorização de fechamento. Não se preocupe, pois a autorização, geralmente, sai de um a dois dias antes da data do evento. Na cidade de São Paulo este formulário é solicitado na Subprefeitura, procure se informar qual é o procedimento em sua cidade.

#### Ao ocupar o espaço público com cortejo de música:

• Pense em trajetos que durem no máximo 1 hora entre ida e volta, mais do que isso, as crianças se cansam. Leve água para ser tomada durante o trajeto.

- Caminhe sem pressa para que as crianças possam se relacionar com a cidade, com as pessoas, com o que forem encontrando e descobrindo. Por isso, planeje bem o trajeto. Às vezes é melhor fazer um trajeto menor, mas que possa ser feito com calma. Menos é mais!
- Escolha um lugar para fazer uma parada de até 1 hora para que possa ser feita uma aula pública, um sarau ou uma contação de histórias.
- Coloque as crianças menores na frente do cortejo para elas irem dando o ritmo. Se deixá-las atrás, haverá um buraco no cortejo, pois elas têm outro ritmo.
- Coloque tambores e instrumentos na frente do cortejo.
- Alinhe com todos as músicas que serão cantadas para que todos possam cantá-las.
- Coloque uma corda para que as crianças fiquem dentro do perímetro estabelecido. Assim, fica mais fácil andar em grupos grandes quando há mais de cem crianças juntas.





# ARTICULAR EM REDE INTER-SETORIAL PARA ATUAR COM AS CRIANÇAS

### Vivenciar a cidade em rede

"Chico Maranhão nos advertia: 'Antonce se a gente veve lutando, vale mais, vale mais, vale mais; a gente se arreuní...'. Reunir-se aos outros, conterrâneos e contemporâneos de alma, mas, sobretudo, reunir as nossas próprias partes solapadas e disjuntas pelo espírito ocidental, judaico-cristão, capitalista. Rejuntar as partes. Rejuntar o barro de nosso húmus e fazer a humanidade em nós, artesanalmente".

Marcos Ferreira dos Santos.

A cidade é espaço de encontrar e celebrar pluralidade e diversidade, mas também é um espaço onde é preciso buscar e viver encontros com "conterrâneos e contemporâneos de alma". E foi assim, na experiência do Projeto Criança Fala, no bairro do Glicério, na cidade de São Paulo, onde testemunhamos o "ajuntamento" de pessoas de alma comprometidas com a comunidade e com a educação em sua concepção mais emancipadora e sensível.

Ao longo de dois anos (2015 e 2016) nos reunimos com professores, coordenadores, diretores, moradores do bairro, enfermeiras, agentes comunitárias de saúde e técnicas da assistência social para vivenciar experiências estéticas, reflexivas e sensíveis em diferentes espaços do bairro.

Aos poucos, vínculos foram sendo tecidos a partir de histórias, memórias, brincadeiras, leituras de textos e intervenções nos espaços públicos do bairro. Fomos experimentando no corpo, ao mesmo tempo que mestres, como Mia Couto, Lydia Hortélio, Eduardo Galeano e Paulo Freire, nos ajudavam a refletir sobre a cidade e as crianças de ontem e de hoje. Sobre as crianças que fomos e aquelas que chegam diariamente nas escolas, nos serviços de saúde e assistência social do bairro.

Vivenciar a rua como espaço de brincar, dançar, criar e conviver foi, aos poucos, parecendo antídoto contra velhos medos desse território perigoso chamado cidade. Ao aventurar-se pelo bairro com até 440 crianças em cortejo, cantando e tocando e vivendo as ruas de maneira poética e – por que não – política, pode-se fazer coro com o mestre Mia Couto, em sua pertinente provocação: "Há quem tenha medo que o medo acabe". Nesse percurso, ruas, praças, vilas e calçadas foram deixando de ser "lugares que se deve evitar" para se tornar espaços potentes para a promoção de importantes

direitos das crianças, como o direito à convivência comunitária, à cultura, à cidade e à educação de qualidade. A cidade foi deixando de ser perigosa e se transformando em ponte, em espaço de conexão e aproximação entre crianças e professores de diferentes escolas, profissionais e comunidade, escolas e familiares, saúde e território, currículo escolar e vida.

Ocupar ruas e praças ao longo do processo acabou por impulsionar reflexões positivas sobre a cultura local, chamando a comunidade a olhar para problemáticas como o lixo, o excesso de carros e a percepção comunitária de que o acesso e o usufruto das ruas é um direito de todos, inclusive das crianças.

E, nesse fazer junto, fomos construindo outras formas de relação com o bairro do Glicério, que se tornou vivo, alegre, potente e criativo.







# Caminhos para articular uma rede intersetorial

Para que as crianças possam ocupar, projetar e transformar as cidades é preciso criar uma rede intersetorial (profissionais da educação, saúde, assistência social, coletivos, organizações sociais, poder público, empresas privadas, comunidade, universidades, estudantes) em que todos possam ajudá-las nessa missão!

#### Para criar uma rede experimente seguir este caminho:

- Mapeamento dos parceiros locais onde o projeto será implantado: escolas, organizações sociais, universidades, postos de saúde, centros de assistência social.
- Mapeamento dos órgãos públicos, empresas privadas e organizações sociais que poderão ser parceiros do projeto.
- Convites acolhedores e de gentilezas para que parceiros possam fazer parte do projeto.
- Envio da apresentação geral do projeto: valores, onde iremos atuar, quais as contrapartidas do projeto e do parceiro.
- Encontro de sensibilização com os parceiros para mostrar a importância de escutar as crianças e

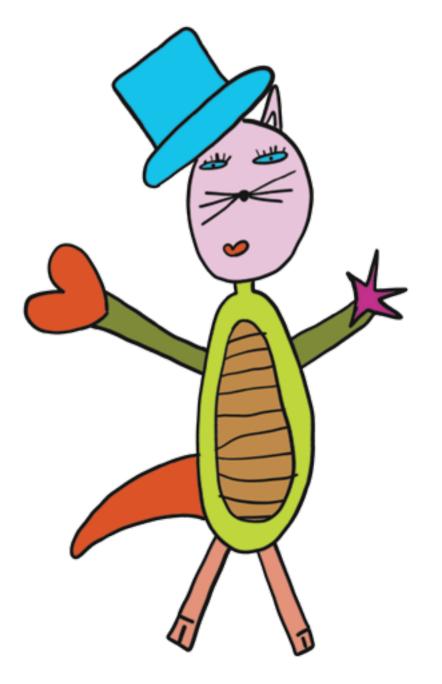
- Encontro de alinhamentos da parceria e para assinatura do termo de cooperação e parceria em que estão estabelecidas as funções de cada um dentro da parceria e as contrapartidas.
- Escutar os sonhos e potenciais de cada parceiro. Importante primeiro compreender individualmente os caminhos de cada um para depois juntá-los.
- Identificar o fio condutor, o que une todos os parceiros nessa missão de ajudar as crianças. Após escutar cada parceiro é importante identificar o que faz sentido, o que os une todos eles para criar uma rede.
- Encontros mensais com os parceiros para planejarem juntos, a partir do que os unem, as ações de ocupação e transformação dos espaços públicos com as crianças.
- Encontros periódicos para alinhamentos da parceria.
- Envio de notícias sobre o que está acontecendo no projeto. Fazer esse informativo mensalmente para os parceiros de forma lúdica e poética com fotos e informações curtas.

- Convidar os parceiros para participarem das ações do projeto.
- Envio de relatórios, depoimentos, fotos e avaliação de impacto para o parceiro.

#### **FIOUE ATENTO!**

- Deixe claro desde o início quais as contrapartidas e funções de cada um na parceria e formalize tudo por escrito.
- Avalie se o que o parceiro está oferecendo vale a pena se comparado com o que ele pedirá como contrapartida. Pensar sempre que a parceria tem que em primeiro lugar beneficiar a comunidade e ajudar as crianças na missão de ocupar, projetar e transformar a cidade;
- Escutar os parceiros para identificar seus potenciais e sonhos;
- Mantenha sempre um canal de comunicação aberto e de escuta dos parceiros. Criar uma rede intersetorial é um desafio por sua diversidade, por isso a escuta, a transparência e o diálogo devem ser os princípios para uma boa parceria.
- Faça devolutivas periódicas para os parceiros sobre o andamento do projeto e sobre a parceria.

- Registrar e formalizar combinados e alinhamentos com os parceiros por e-mail.
- Pense na quantidade de parceiros para que você consiga manter uma relação cuidadosa, acolhedora e respeitosa. Não adianta ter muitos parceiros e depois não ter tempo para acolhê-los, manter contato, escutá-los. É preciso cuidar das parcerias estabelecidas e manter contatos periódicos com os parceiros.
- Convidar os parceiros para as ações do projeto para que se sinta parte do projeto e crie vínculo afetivo com o parceiro.
- Integre os parceiros que estão atuando no mesmo projeto. As ações de ocupação e transformação dos espaços públicos é um bom momento para esses parceiros se integrarem.
- Procure manter vínculo com as instituições, organizações sociais e pessoas ao longo do processo de implantação do projeto, independentemente de sua adesão à parceria (mesmo que seja por meio de comunicação institucional periódica, contando sobre o que o projeto está realizando na comunidade).





# PROJETAR A CIDADE COM AS CRIANÇAS

# A cidade também é das crianças

# Crianças arquitetas

#### NAYANA BRETTAS

FUNDADORA DA CRIACIDADE E IDEALIZADO-RA DOS PROJETOS CRIANÇA FALA E CIDADE QUE BRINCA "Senhor arquiteto, no lugar de escorregadores e balanços, queremos areia, madeirinha, água e pedras", diz o personagem Frato, de Francesco Tonucci.

Mesmo as crianças não sendo convidadas a pensar e projetar as cidades, elas as recriam à sua maneira, por meio do brincar. No brincar com a cidade, elas se convidam a participar, atribuindo outras formas e funções aos espaços, objetos e equipamentos da cidade. Um banco transforma-se em barco; o poste de iluminação, em um divertido brinquedo de escalada; a água da fonte, em caneta que desenha no chão transformado em papel.

Para fazer da cidade algo que também é das crianças, convidamos meninas e meninos do bairro do Glicério, na cidade de São Paulo, para nos ajudar a projetar o bairro e transformar esse brincar com a cidade em projetos concretos para que os adultos também possam vivenciar esse brincar com a cidade resgatando sua criança interior.

Fizemos caminhos brincantes pelo bairro com as crianças para que identificassem os lugares importantes para elas e verem o que precisava ser melhorado. Elas foram nos mostrando os lugares difíceis de atravessar, as calçadas esburacadas,

os locais sem lixeira e os lugares com lixo para ajudar na construção do planejamento urbano de um bairro mais amigável e acolhedor para a criança, com instalação de placas de sinalização, alargamento de calçadas e instalação de lixeiras.

Nesses caminhos, encontramos uma praça grande, que mais parecia uma ilha entre carros. Ali, as crianças viram que este poderia ser um espaço para brincarem, um lugar de encontro para suas mães. Convidamos os estudantes de arquitetura da Faculdade de Arquitetura da Belas Artes para ajudarem as crianças nessa missão, e lá foram todos juntos projetar o espaço do brincar da praça. "Podia ter um boneco com uma língua grande e essa língua poderia ser um escorregador", "Podia ter um banco para as mães sentarem e fazerem amigos", "Podia ter um lugar para subir, descer, escalar com olhos de monstro" – falaram as crianças. "Este subir, descer, escalar podia ser chamado de geleção" – falaram os estudantes de arquitetura. E, nessa brincadeira, crianças e estudantes de arquitetura foram juntos construindo esse projeto arquitetônico da praça de conexão com a criança, com a criatividade, com o coração, com a cooperação, com a cidade.

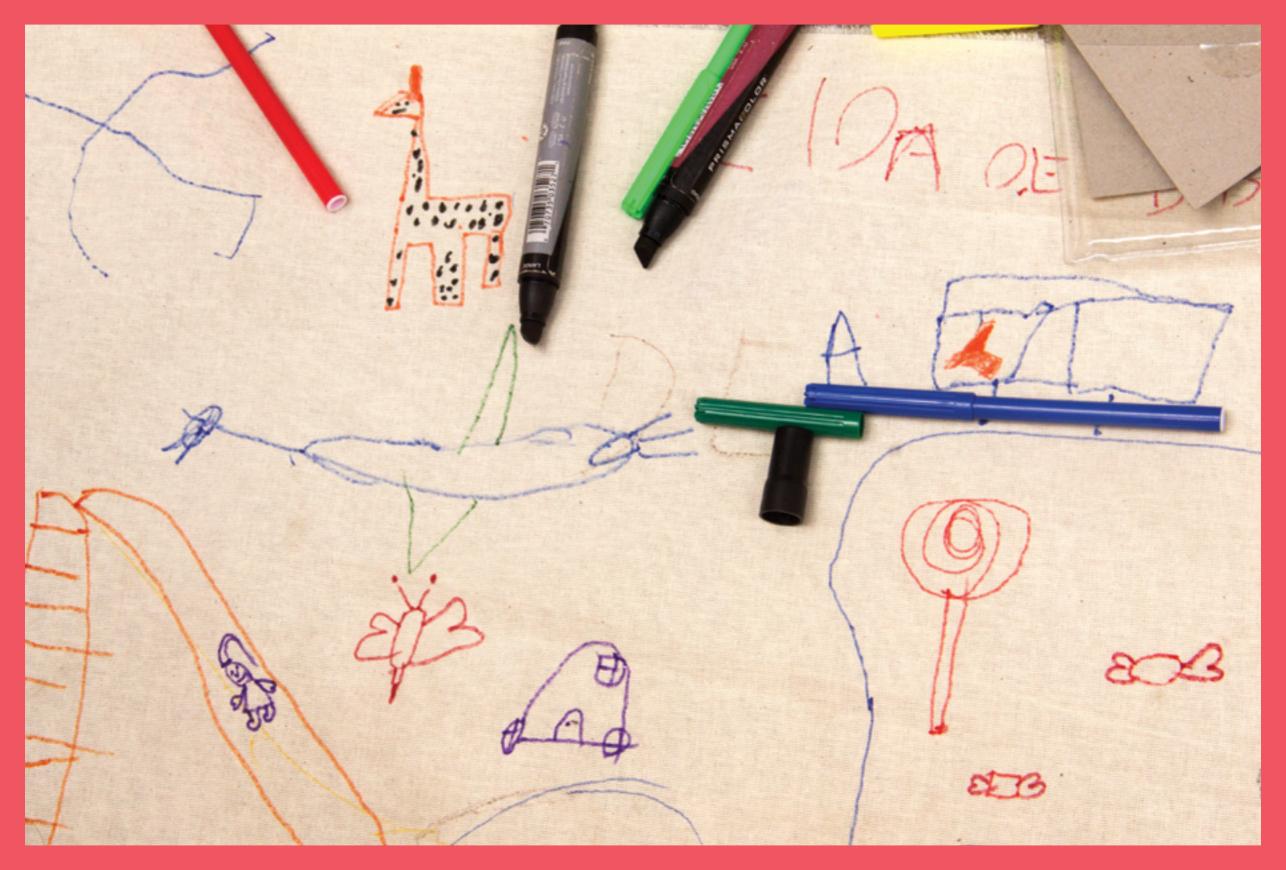
Depois chegou o Coletivo Leve, um grupo de arquitetos que veio para ajudar as crianças a projetar mobiliários urbanos. Dessa brincadeira nasceu pelas ruas do bairro um dinossauro com caudas de ondas do mar, girafa com duas cabeças, jacaré com escorregador nas escamas, escorregador na escada, montanhas para subir, descer e escalar.

E, nessa brincadeira séria de projetar cidades com as crianças, a cidade foi ficando mais colorida, mais brincante, mais divertida. A cidade passou a ter respiros poéticos que inspiram e encantam a alma de seus moradores!









#### PROJETAR A CIDADE COM AS CRIANÇAS

Caminhos para projetar cidades com as crianças

Para projetar cidades com as crianças você pode percorrer este caminho que compartilho abaixo:

- Mapeamento de cursos e escritórios de arquitetura, organizações sociais e coletivos para parcerias na elaboração de projetos arquitetônicos de espaços de brincar de praças, parques, mobiliários urbanos, reforma de moradias e escolas.
- Apresentação da proposta de parceria.
- Encontro de sensibilização com alunos e professores da universidade para identificar os alunos interessados em participar do projeto.
- Encontros de formação com a metodologia Criança Fala.
- Encontros de planejamento das oficinas lúdicas com as crianças.
- Oficinas lúdicas de escuta com as crianças para construção de maquetes e do projeto;
- Encontros de análise dos materiais produzidos pelas crianças nas oficinas, dos registros escritos de observação da relação das crianças com o espaço a ser transformado e das falas das crianças.
- Elaboração do projeto arquitetônico.
- Devolutiva do projeto para as crianças e a co-

munidade

- Ajustes necessários ao projeto após a devolutiva das crianças.
- Envio do projeto para aprovação na prefeitura.
- Execução do projeto.
- Acompanhamento da execução do projeto.
- Celebração após implantação do projeto.

#### **FIQUE ATENTO!**

- Apresente o projeto para a universidade parceira para que possam alinhar o planejamento das ações.
- Crie vínculo entre as crianças e os estudantes de arquitetura antes de iniciar as oficinas.
- Deixe claro para as crianças e para a comunidade os objetivos do que estão fazendo e quanto tempo ficarão na comunidade. Não crie expectativas sobre a execução dos projetos.
- Não vá com grupos muito grandes de estudantes. Equilibre a proporção de estudantes com o número de crianças.
- Planeje a oficina com alguns dias de antecedência para separar os materiais e dividir as funções de cada um.

- Faça as oficinas nos lugares em que serão elaborados os projetos arquitetônicos para que o projeto não fique abstrato para as crianças. Se não for possível fazer as oficinas no local em que será elaborado o projeto arquitetônico fazer parceria com uma escola, uma organização social do bairro e mostrar para as crianças fotos dos espaços que serão elaborados os projetos.
- Faça uma devolutiva do projeto arquitetônico para todos envolvidos no processo.
- Convide as crianças e a comunidade para participarem da execução do projeto, pondo a mão na massa.
- Celebre a execução do projeto.
- Deixe claro os motivos de não execução do projeto arquitetônico, caso ele não possa ser viabilizado. Busque com a comunidade possíveis alternativas para ele ser executado.
- Faça um fechamento do processo com as crianças e a comunidade.
- Não se paralise diante das burocracias do poder público para aprovação e execução dos projetos arquitetônicos. Busque alternativas com a comunidade e a rede de parceiros.

110



# TRANS-FORMAR A CIDADE COM AS CRIANÇAS

# Era uma vez uma brincadeira que tinha o poder de transformar cidades...

#### NAYANA BRETTAS

FUNDADORA DA CRIACIDADE E IDEALIZADO-RA DOS PROJETOS CRIANÇA FALA E CIDADE QUE BRINCA Era uma vez uma brincadeira que tinha o poder de transformar cidades com as crianças.

Transformar cidades com as crianças é transformar o sonho delas na realidade de ter cidades amigáveis, acolhedoras e brincantes, é fazer da escuta das crianças uma escutAção. Ao transformar as cidades com as crianças, aparecem lagos nas ruas, cavalos de patas coloridas nos muros, flores e sapos surgem nas calçadas, fazendo com que entremos em contato com as sutilezas de natureza nos caminhos da cidade.

Criaturas fantásticas que dão soluções para ajudar o mundo surgem nos muros, ruas e fachadas das escolas. As crianças convidam muitas pessoas para ajudá-las nessa missão de transformar, e todos juntos vão enchendo as ruas de alegria, cor, encantamento, sonhos, amor.

Enquanto se transformava a cidade, as pessoas foram se transformando. A transformação do mundo começa pelo indivíduo inspirado pela criatividade do universo infantil, pela pureza dos vínculos afetivos, pelas verdadeiras relações humanas, pela liberdade de sonhar.

A chave para a mudança está no olhar e no co-



ração da criança adormecida que existe em cada um de nós para que possamos ver o mundo com o olhar curioso e a alma inquieta da criança que tem o mundo inteiro pela frente para desvendar, experimentar e transformar.

Um mundo feito por pessoas e para pessoas que abrigam histórias e contam histórias. E, nesse mundo, cabe a cada um de nós criar e transformar essas cidades, porque nenhum problema é tão grande quando a solução é coletiva e criativa.

Nessa brincadeira de transformar as cidades, elas vão ficando mais amigas das crianças e de todo mundo também. Afinal, uma cidade boa para a criança é boa para todos.















#### TRANSFORMAR A CIDADE COM AS CRIANÇAS

# Caminhos transformar cidades com as crianças

Para transformar a cidade com as crianças convido você a percorrer o caminho abaixo:

- Mapeamento do território com as crianças e com a rede local de parceiros para identificarem os locais que serão transformados.
- Ocupação do espaço público que será transformado com brincadeiras, teatro, música, dança e contação de histórias. Antes de transformar o espaço, é importante ocupá-lo para criar um vínculo de pertencimento.
- Realização de oficinas lúdicas de escuta das crianças para criarem as histórias que serão pintadas nas ruas, muros, fachadas e calçadas; projetarem mobiliários urbanos e espaços do brincar; e para contribuírem com o planejamento urbano do bairro.
- Análise dos materiais produzidos nas oficinas para elaboração dos projetos das intervenções de pintura, dos projetos arquitetônicos dos mobiliários urbanos e espaços do brincar e do planejamento urbano.
- Devolutiva dos projetos para as crianças.
- Envio dos projetos para a prefeitura para aprovação.

138

- Conversa com os moradores para apresentar a proposta das intervenções de pintura, dos mobiliários urbanos e convidá-los a participar.
- Peça autorizações para os moradores para pintar suas casas e calçadas e pergunte sobre as cores de preferência para suas casas..
- Levantamento dos quantitativos de materiais. Busque parceiros para obter materiais como tintas, pincéis e escadas.
- Mobilização da comunidade para participar dos mutirões de transformação.
- Mobilização de voluntários.
- Encontros de alinhamentos com todos os envolvidos nos mutirões de transformação para definir a função de cada um.
- Mobilização de um espaço na comunidade para guardar os materiais e ser um ponto de apoio durante os dias de mutirão.
- Organização da participação das crianças nos mutirões. Organize grupos de trinta crianças com duração de 2 horas de participação. Divida as crianças em grupos de cinco crianças para um adulto. Conte com ajuda de voluntários e dos professores. Antes da chegada das crianças, deixe

as tintas preparadas por cor em copos e deixe os desenhos das crianças riscados na parede para que possam pintá-los.

- Organização da participação da comunidade: moradores, professores, profissionais das instituições e organizações locais. Definir a função de cada um. Construir coletivamente o planejamento do que será realizado.
- Celebração do espaço transformado com todos os envolvidos, com músicas, brincadeiras, contação de histórias e teatro.
- Documentação antes e depois da transformação (fotografia, avaliação de impacto, vídeo, depoimentos).

#### **FIOUE ATENTO!**

- A sensibilização é a primeira etapa de qualquer processo comunitário a ser desenvolvido, e esse processo requer tempo. É preciso levar em consideração esse tempo de sensibilização e articulação no planejamento antes de iniciar os mutirões.
- É importante fazer um ritual de chegada em cada dia de mutirão para todos se conectarem

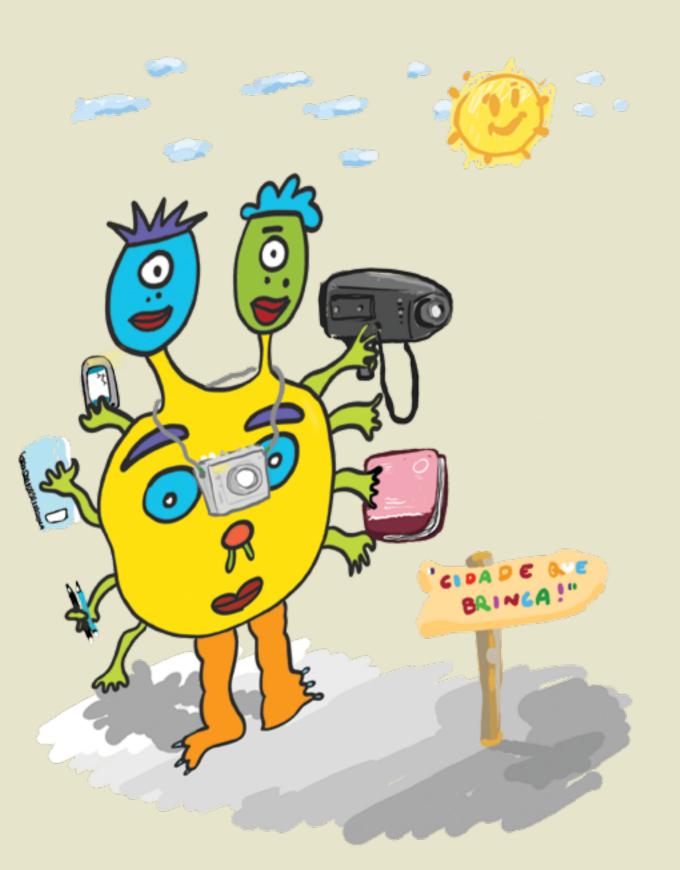
CIDADE QUE BRINCA

- Todos devem ter acesso ao projeto de transformação, o que será feito, mas deve haver duas pessoas de referência durante os mutirões para que as pessoas possam recorrer a elas e tirar dúvidas. Essas pessoas de referência podem ser identificadas com uma cor de camiseta para facilitar sua localização.
- Dimensione o tamanho do espaço a ser transformado versus tempo e a quantidade pessoas que ele abriga. É importante terminar os espaços iniciados antes de começar novos espaços e equilibrar a quantidade de pessoas para o tamanho do espaço que precisa ser transformado.
- Concentre os materiais de pintura e as tintas no mesmo local, com uma a duas pessoas responsáveis pela entrega dos materiais.
- Dê um intervalo de 2 horas entre um e outro grupo de crianças para ter tempo de preparar o espaço para receber o próximo grupo (limpeza do espaço e preparação das tintas).
- Mantenha a limpeza do espaço e o descarte de resíduos durante todo o processo.

- Fotografe todo o processo: antes de ser transformado, durante e depois.
- No planejamento, conte com os imprevistos de possíveis dias de chuva.







# DOCU-MENTAR A CIDADE QUE BRINCA

## Espalhar a mensagem

146

### NAYANA BRETTAS

FUNDADORA DA CRIACIDADE E IDEALIZADO-RA DOS PROJETOS CRIANÇA FALA E CIDADE QUE BRINCA Documentar é registrar as experiências e acontecimentos que a memória não é capaz de guardar com detalhes para que possamos compartilhar com outras pessoas que não puderam estar no momento presente da experiência. Ao documentar algo, você dá permanência à experiência vivida ao longo da história, fazendo com que diferentes gerações e tempos históricos tenham acesso a ela.

Ao caminhar pela Cidade Que Brinca, é comum encontrar pessoas tirando fotos, filmando, fazendo anotações em seus cadernos. Encontramos as crianças fazendo esses registros também para ajudar outras pessoas a criarem cidades que brincam com as crianças em diferentes lugares do Brasil e do mundo.

Todos esses registros viraram publicações, vídeos, exposições de fotos.

Três vídeos foram produzidos em parceria com as crianças, no qual contam sobre o Glicério e as transformações que fizeram: O Glicério por suas Crianças, Criança Fala e Cidade que Brinca.

Foram feitos também dois livros: O Glicério por suas Crianças e este livro que você está lendo, Cidade Que Brinca.

As fotos desta Cidade que Brinca viraram exposição em duas estações de metrô da cidade de São Paulo: Sé e Alto do Ipiranga.

Foram criados ainda indicadores para medir o impacto do projeto no desenvolvimento integral das crianças.

Acesse os vídeos, fotos, publicações e relatório de impacto no site:

www.imaginac.vc

No link conteúdo.









## Caminhos do do documentar

Para documentar as experiências da cidade que brinca você pode percorrer o caminho abaixo:

- Criação de vínculo com as pessoas para geração de confiança.
- Solicitação de autorização de uso de imagem das crianças. Peça primeiro para elas e depois para seus responsáveis (família, professores).
- Impressão de fotos para mostrar às pessoas ao longo do processo para irem se reconhecendo as fotos. Também é importante mostrar vídeos.
- Oficinas de fotografia e filmagem com as crianças para que produzam seus próprios vídeos e fotos. Assim, teremos também os olhares e vozes das crianças nos materiais de documentação do projeto.
- Registro escrito das ações realizadas: o que foi realizado, o que deu certo e o que não deu, materiais necessários, quantidade de crianças por faixa etária, duração e depoimentos inspiradores. Faça o registro no mesmo dia ou no dia seguinte, quando a experiência ainda estiver fresca na memória.
- Escrita de textos reflexivos, inspiradores e

- **Produção de vídeos** que valorizem olhares e vozes das crianças.
- Compartilhamento de vídeos, textos e fotos em redes sociais e para a rede de parceiros.
- Organização de exposição de fotos e sessões de cinema em espaços públicos ou fechados. Convide todos envolvidos no processo.
- Organização de textos e fotos em uma publicação. O contato físico das pessoas com um material sensibiliza as pessoas.
- Criação de indicadores para medir o impacto do projeto no desenvolvimento integral das crianças.

### FIQUE ATENTO!

- Nos primeiros contatos com as pessoas envolvidas, não tire fotos ou faça vídeos. Em primeiro lugar, é preciso criar vínculos de confiança.
- Tente não ser a mesma pessoa que conduz a ação ou oficina com as crianças e faz o registro escrito ou audiovisual, pois isso irá tirar sua qualidade de presença com as crianças. Tente colocar uma pessoa somente para registrar o

momento. Se não for possível, tente fazer os registros somente após terminadas a oficina e a ação. No registro escrito, insira palavras-chave que ajudem a lembrar, no dia seguinte, quando estiver escrevendo. É preciso ter qualidade de presença durante a ação.

- Não aproxime muito a câmera do rosto das pessoas. É preciso delicadeza, sutileza e ser respeitoso para não ser invasivo.
- Tenha os olhos poéticos e de encantamento de uma criança para fotografar e gravar. Capte momentos espontâneos, emoções e relações entre as pessoas e o espaço. Evitar fotos pousadas;
- Entregue máquinas fotográficas e filmadoras para as crianças documentarem a partir de seus olhares e vozes.





IMPAC-TOS E MUDANÇAS

## O que é importante?

Antes de iniciar o projeto é importante:

## 1. Construir a teoria de mudança:

- Qual sua visão de futuro? Aonde quer chegar? Qual o problema quer solucionar?
- Quais os resultados a longo, médio e curto prazo
- Quais ações serão realizadas para solucionar o problema.
- 2. Criar o marco zero.
- **3.** Criar os indicadores para avaliar o impacto.
- 4. Elaborar os instrumentais de coleta de dados.

163

**5.** Conversar com a comunidade e todos envolvidos no projeto sobre os objetivos da avaliação.

Preencher a tabela de coleta de dados todo o mês para que os dados e informações não se percam durante o processo.

Procure consultorias e empresas que tenham experiência em realizar avaliações de impacto para te ajudar neste processo. No ano de 2015 o Projeto Criança Fala contratou a Move Social e no ano de 2016 o IDIS - Instituto para o Desenvolvimento do Investimento Social.

O vínculo de confiança e de respeito com todos os envolvidos no projeto é muito importante. Converse com todos os envolvidos sobre a avaliação que será feita, qual o objetivo. Finalizada a avaliação envie para todos terem acesso às informações.



### IMPACTOS E MUDANÇAS

## Impactos esperados e resultados alcançados

Conheça os impactos esperados e os resultados alcançados pelo Projeto Criança Fala realizado no bairro no Glicério, na cidade de São Paulo, a partir dos dados analisados pelo IDIS - Instituto para o Desenvolvimento do Investimento Social. O IDIS também realizou 3 grupos focais: com as crianças, com os profissionais da educação, saúde e assistência social e com as famílias.

Impacto esperado: Melhoria na autoconfiança de crianças e famílias (protagonismo). Consideração dos olhares e vozes das crianças nas práticas dos profissionais da educação, saúde, assistência social

Resultados alcançados: Voz às crianças: o Projeto Criança Fala promove ações para que as opiniões das crianças sejam levadas em consideração. Esta pode ser entendida como a principal mudança resultante do Projeto. O incentivo do Projeto para que as crianças se envolvam atinge resultados, e elas próprias sentem que participam de atividades e ações para mudar o bairro para melhor — esta é a mudança mais percebida pelas crianças (85%). Para os profissionais da educação, saúde e assistência

social, a atenção e consideração das opiniões das crianças no desenvolvimento de seu trabalho é a mudança com maior relevância para os profissionais (74%).

No fortalecimento da autoconfiança os dados coletados indicam que a timidez das crianças teve alguma mudança, assim como elas afirmam estar mais respeitosas e com maior facilidade em se comunicar e expressar o que querem. O aumento da autoconfiança é maior em crianças e profissionais, quando comparado ao grupo de famílias. No grupo de famílias a mudança foi bem pequena.

## Impacto esperado: Comunidade mais preocupada com os espaços para suas crianças

Resultado alcançado: Articulação e envolvimento com comunidade e parceiros: concretizar ações no espaço público da cidade muitas vezes requer o apoio das organizações que atuam na região. Ao longo do ano, o Projeto Criança Fala conseguiu articular as parcerias necessárias para a realização das atividades propostas.

No entanto, os relatos do trabalho de campo

indicam que a integração dos equipamentos de assistência social, educação e saúde atuantes no bairro pode ser melhorada — esta é, inclusive, o aspecto que apresentou menor mudança para os profissionais consultados.

No mesmo sentido, os relatos apontam para uma correlação entre o comportamento respeitoso dos moradores (aos espaços transformados) aos momentos de atividade do Projeto e presença da equipe da CriaCidade. Ou seja, esta é uma mudança que pode não estar ocorrendo no dia a dia do bairro sem a presença da equipe da CriaCidade.

169

## Impacto esperado: Políticas públicas para a ressignificação dos espaços que a criança ocupa

Resultado alcançado: Influência em políticas públicas: ainda que políticas públicas não tenham sido criadas especificamente por incitação do Projeto, pode-se dizer que ele exerceu um papel importante na articulação com o poder público local para que o investimento fosse realizado e as atividades previstas executadas. O compromisso do poder público com as atividades demonstra seu apoio ao

Projeto, mas não necessariamente uma mudança de prática do governo em relação aos temas abordados pelo Projeto.

Impacto esperado: Espaços públicos do Glicério transformados com e pelas crianças. Ocupação e transformação dos espaços públicos pelo brincar

Resultado alcançado: Transformação dos espaços com e pelas crianças: o Projeto gera melhorias para a comunidade ao modificar os espaços públicos a partir da escuta das crianças. Este também é um resultado de destaque. Por estarem mais confiantes, e se envolverem nas transformações, ocupam mais os espaços públicos. Há mais espaços para brincadeiras – esta é a principal mudança na comunidade para os familiares consultados (67% percebem esta melhoria), e para 70% das crianças há aumento da quantidade de espaços para brincar nas ruas do Glicério. 60% das famílias e profissionais consideram que os espaços transformados são conservados após a intervenção do Projeto Criança Fala, indicando a perenidade dessa mudança.

As ocupações das ruas do bairro indicam senti-

mento de pertencimento e apropriação do espaço público transformado.

Impacto esperado: Mais crianças e bebês brincando nos espaços públicos

Resultado alcançado: Crianças brincam mais no Glicério devido a expansão da quantidade de espaços para brincar. Os dados indicam que **70%** das crianças percebem um aumento no quanto brincam nas ruas do bairro. Para este indicador, **82%** das famílias relataram melhora. Isto se dá não somente durante as atividades do Projeto, pois os relatos indicam que a Vilinha se concretizou como um espaço para as crianças brincarem ao voltar da escola. Não foi identificada esta mudança para os bebês.

## Garantir a inclusão e participação ativa da criança no processos de ocupar, projetar e transformar espaços públicos.

Um dos principais objetivos do projeto foi garantir a participação ativa das crianças na transformação do Glicério: **85%** das crianças participantes do projeto se sentiram mais incluídas no desenho e implementação de transformações no bairro. **70%** dos profissionais de educação, saúde, assistência social impactados por meio de formações da metodologia Criança Fala perceberam maior inclusão das opiniões das crianças na concepção e execução de transformações no Glicério.

## Promover maior envolvimento e investimento do poder público para bairros saudáveis e amigáveis para crianças.

O projeto engajou um total de **8 instituções** do poder público, incluindo a subprefeitura, Secretarias Municipais, gabinete do Prefeito e o Programa São Paulo Carinhosa. Essa estratégia resultou em assegurar o apoio da Secretaria da Cultura para a organização de um show no Glicério e duas viradas culturais para as crianças. Além disso, o bairro recebeu a

IMPACTOS E MUDANCAS

visita do Diretor Regional de Educação do Ipiranga, que contribuiu para matricular as crianças que estavam fora da escola. As formações do projeto foram reconhecidas pela Secretaria Municipal de Educação, o que gerou pontuação de progressão de carreira para os professores.

A Subprefeitura Sé, com a Amlurb, instalou mais de duzentas lixeiras e foram aumentados os dias de coleta de lixo

Criar e manter espaços que promovem o bem-estar, a inclusão, o brincar e a autoestima.

77% das crianças relataram melhora em relação ao saber dividir suas coisas com os amigos e se sentirem respeitadas pelos moradores do bairro.
67% das famílias notaram um aumento no número de espaços públicos para as crianças brincarem
80% observaram um aumento no tempo de brincar nas ruas dos bairros das crianças.

Ativar e fortalecer redes intersetoriais, animados por um senso de pertencimento e responsabilidade em relação ao seu bairro.

O projeto viu o surgimento de iniciativas lideradas pela comunidade, como dois mutirões de pintura liderados por escolas para a transformação de muros e de uma praça no bairro.

Essas ações exemplificam o fortalecimento da tomada de iniciativa de instituições da comunidade para a realização de atividades para mudar o bairro para melhor junto com as crianças.

Para ler o relatório de avaliação na íntegra acesse nosso site **www.imaginac.vc**, e faça o download do report de impactos.



## NARRATIVAS DA CIDADE QUE BRINCA

## Narrativas sobre a Cidade que Brinca

66

Eu falaria que o Projeto Criança Fala não é só de brincadeira, é uma parte da nossa infância, que ajuda a gente a ficar mais disposta... É participar mais das coisas, gostar mais de escola, de estudar."

Thifanny Rodrigues, criança participante do Projeto Criança Fala



Eu acho que o projeto, com toda essa forma lúdica, trazia essa alegria e atingia não só a criança ali de início, mas toda a região, com seus familiares. Então, naquele momento, eu tive essa ideia, eu pensei nisso: isso aqui vai muito além, entende? Apesar de a gente já ter conversado, foi naquele momento que enxerguei isso no projeto, uma coisa que a criança tem: a vitalidade. A criança vive, simplesmente. Ela vivencia tudo. Ela dá valor à natureza. Ela dá valor a tudo. Para ela, tudo é muito importante, tudo é uma descoberta. Eu acho que às vezes a gente também acaba perdendo isso. A gente anda pela cidade com a cabeça pensando na prova da faculdade. Perde os olhares, as sensações, os sorrisos. A criança dá

178

muito valor para aquilo que é fundamental na vida, coisas que a gente vai perdendo."

**Atílio Comin**, estudante de arquitetura, participante da Rede Arquitetos Transformadores



Mudou muito a minha percepção. Vi que a cidade pode ser mudada de fato. Que não é só teoria, que não é só blá-blá-blá. Ver que as coisas realmente mudam, que o bairro é incrível, que as crianças são maravilhosas. Acho que antes eu era mais cética, achava que as coisas não poderiam acontecer de verdade, que na teoria tudo é lindo. 'Ah, vamos mudar a cidade com as crianças. Tá. Será?', e eu vi que funciona. Realmente funciona. É só querer, não desistir, é difícil, mas é o caminho." Camila Torres, estudante de arquitetura e participante da Rede

66

Arquitetos Transformadores

Acho que a partir da criança existe uma mudança de comportamento em toda a história do Brasil, dos brasileiros, tudo. Então, se a gente não começar plantando aquilo que a gente quer colher na infância para a gente, ver isso amadurecer ao longo da vida dos anos... É um semear, jogar uma semente no melhor momento, que é a infância. Acho que esse seria o ponto de partida para a pessoa entrar nesse projeto. A ideia é incrível do ponto de vista de mudança de uma comunidade que vocês propuseram e a gente ajudou a construir, mas principalmente por trás dessa história toda a gente perceber no dia a dia as mudanças nas crianças. Acho que isso era o principal. Às vezes a gente não consegue tangibilizar um projeto. A gente não consegue encontrar no dia a dia mudanças significativas. Uma coisa tão simples que a gente pode fazer numa coisa grandiosa e o contato humano mesmo. As pessoas, cada vez mais, estão sendo ativistas de redes sociais ou no dia a dia de trabalho, mas é difícil encontrar grupos que estão vivenciando esse contato humano e essa mudança através da experiência do elo que você cria de quando está lá pessoalmente. Eu acho que essa foi a diferença de outros projetos de que talvez a gente tenha participado. Foi muito vivencial esse projeto, então você viu a criança crescer. Pelo menos para mim, isso foi emocionante. A gente ficou dois anos

e, de repente, já viu... Então você se envolve de uma maneira diferente com o projeto. Acho que esse foi o grande diferencial. As crianças sempre foram muito acolhedoras, desde o começo, e vocês também nos deram uma grande abertura, mas eu acho que o principal que eu senti da mudança foi a comunicação cada vez mais fácil e acessível com as crianças e a harmonia entre elas também. Cada vez o clima foi ficando mais coeso e mais harmônico. Isso foi nítido A comunidade foi se entregando para o projeto. Foi gostoso perceber que as pessoas abriam suas casas para nós usarmos os banheiros, nos apoiando para quardar tinta, material, e eu me sentia íntima daquelas pessoas indo lá mesmo uma vez por semana, uma vez por mês fazer encontros com as crianças. Acho que cada vez mais fui me sentindo íntima daquela comunidade e as crianças também foram nos conhecendo pelo nome. Isso foi bem interessante, do começo para o fim, essa mudança e esse elo que se criou entre a gente e a comunidade."

lá, tinha um que usava fralda, um bebê, não falava

**Helena Camargo**, arquiteta, parceira do Projeto Criança Fala com o Coletivo Leve



O Projeto Criança Fala, em uma frase, é esperança. Esperança de acreditar que as coisas no mundo ainda podem dar certo. As crianças trazem esperança porque elas se envolvem todos os dias, elas estão sempre prontas e abertas a aprender. Para elas, sempre existe uma solução para o problema, sempre encontram uma solução da maneira delas, e sempre encontram uma maneira de se sair bem de qualquer situação. Senti que vale a pena acreditar nas crianças, que elas podem fazer a diferença no mundo."

183

Vânia Santos, professora da EMEF Duque de Caxias



O Projeto Criança Fala é como uma gosma, fica uma parte em cada lugar."

Samira Silva de Carle, criança participante do Projeto Criança Fala

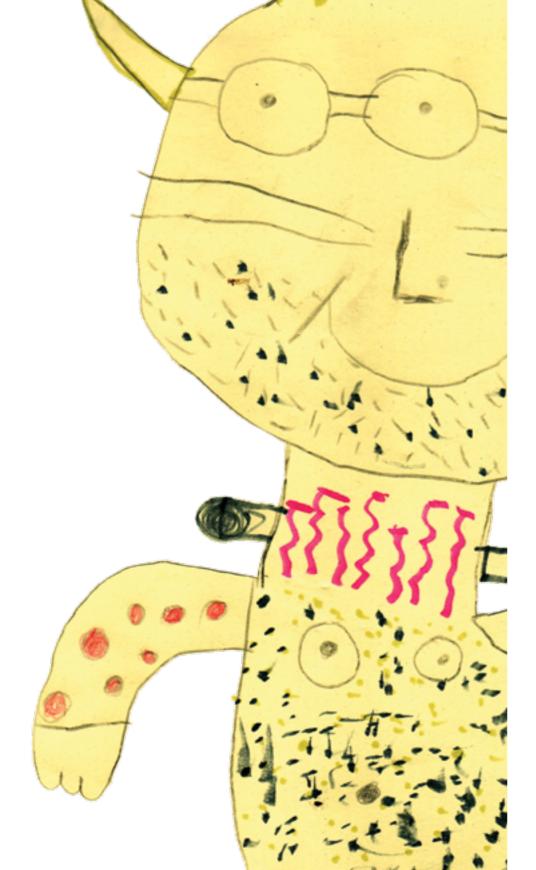
Eu gostei foi aprender a escutar as crianças. Aprendi a colocar as ideias das crianças em prática, no caso, a intervenção dos desenhos das crianças, que foram pintados nos muros. O que eu contaria para as pessoas em relação ao projeto é sobre dar oportunidade à criança de viver no seu próprio espaço, porque muitas vezes só falamos não para a criança. Não deixamos ela falar e não explicamos o porquê do não e, com o projeto, eu aprendi isso, que as crianças precisam ter a oportunidade de valorizar o espaço que elas têm, que a partir do momento em que viram o desenho delas na parede, elas começaram a valorizar seu espaço."

185

Rosângela da Silva Rocha, professora da EMEI Alberto de Oliveira



A proposta de trabalhar a escuta das crianças foi o que mais mobilizou a todos quando você apresentou o projeto, porque parece que isso é algo que a gente faz na escola, mas não é uma escuta sensível, uma escuta que se transforma em ação. Ela vira mais



uma escuta para eu acolher, para eu ser gentil, mas aquilo não mobiliza. Acho que o projeto ajudou nessa questão de os professores ficarem mais sensíveis à escuta e isso virar algo de fato: uma reivindicação das crianças. Enquanto supervisora, minha participação foi mais de incentivar as pessoas a se envolverem no projeto, um trabalho de mediação, de ouvir os resultados, de ouvir a avaliação das pessoas envolvidas, do entusiasmo, da surpresa. Embora elas tenham topado participar, também não tinham muita dimensão de no que isso daria. Chegam muitos projetos no Glicério e não se consegue ver o produto final de muitos deles. As pessoas entraram sem acreditar muito no que ia acontecer e então esse entusiasmo foi crescendo com a formação, as pessoas foram vendo as cores que iam surgindo. Este é um projeto no qual se deve investir e que precisa ser multiplicado em outros lugares."

Elizabeth Dias, supervisora da DRE Ipiranga

## Narrativas do ocupar o espaço público

66

Para mim, foi bem positivo perceber que as crianças podiam andar pelas ruas e que não havia só lixo, só sujeira, mas havia coisas bonitas no lugar onde elas moram. A gente percebia a alegria delas falando "Olha, pro, eu moro aqui, esse é o meu lugar, aqui a gente compra, aqui tem feira em tal dia..." Então foi bem positivo. O que eu mais gostei do projeto foi o cortejo. Realmente, envolveu muito a nossa escola e, por meio dele, podemos mostrar para o bairro que onde tem criança tem esperança, tem luz e tem alegria. Pudemos andar pelas ruas do bairro apesar de todas as dificuldades, do medo que tínhamos de sair com crianças pequenas e não haver uma equipe preparada para isso. O número de pessoas era pequeno para acompanhar, mas mesmo assim foi possível trabalhar, fazer esse resgate cultural das raízes. Os cortejos começaram a ter temas e a gente foi envolvendo as crianças na construção desses temas, dos conceitos que eram trabalhados ali. Acho que isso foi muito enriquecedor. Mostrar que as crianças têm voz, têm espaço, contagiar mesmo o bairro com essa alegria. É mostrar que é possível deixar o bairro bonito

mas também com as pessoas que estão ocupando seus espaços de uma maneira diferenciada. Isso foi muito legal. O que mais me inspira é empoderar as crianças e suas famílias. A maior parte das pessoas que nos acompanharam foram mães, a gente sempre convidava. A gente teve também uns três pais que acabaram indo conosco pras ruas. Isso de mostrar para eles que aquilo que eles falam tem importância e que nós acreditamos nessa formação na sociedade a partir das crianças, acho que algo muito inspirador. Vem de encontro com aquilo em que acredito como educadora, minha missão aqui dentro dessa escola, nesse bairro. E, se eu fosse falar do projeto talvez com uma única frase, seria 'Esta é a esperança de um mundo melhor através das crianças'."

com alegria, não apenas um objeto, como o grafite,

Viviane Nogueira da Silva, professora da EMEI Alberto de Oliveira



O Projeto Criança Fala foi importante nesse aspecto. Em dar coragem para as pessoas, para enfrentarmos o Glicério, porque o Glicério não é um bairro fácil.

Se não houvesse o Criança Fala, se eu não tivesse incorporado ele na minha vida, talvez o projeto da aula pública não teria saído, né? Eu não teria coragem de ir para a rua. Imagine que você vai para a rua, no meio do trânsito, para dar uma aula pública para as crianças. Vão chamar você de maluco, né? E, na verdade, a gente conseguiu, foi e fez com o incentivo do Criança Fala, que estava sempre participando, estava presente nas aulas públicas, olhando, sempre junto da gente. Para as crianças, eu acho que, com a chegada do Criança Fala, elas tiveram mais autonomia na fala, na expressão. Hoje elas falam, se expressam, cobram, são mais atuantes. Eu acho que, a partir do Criança Fala, elas se tornaram mais autônomas, muito mais legítimas, com muito mais cobrança e com um linquajar até melhor. Isso eu percebo em vários alunos que participaram do Criança Fala. Para a comunidade, os pais perceberam que seus filhos mudaram, o que é muito importante para a comunidade. Ela percebeu que houve uma valorização do seu bairro. Antes não havia uma preocupação tão grande com o bairro, então eles perceberam que o Criança Fala trouxe uma preocupação com eles, com a estrutura do bairro, com os problemas sociais do bairro. Teve

um dia em que acho que teve uma festa na escola, não lembro se foi festa junina, que eu fui para fora da escola. Lembro que eu nunca tinha saído da escola. Só em 2011 havia saído no bairro para fazer uma pesquisa. Mas esse foi o primeiro dia em que eu saí andando pelo bairro e olhei para ele. Falei: 'Vou olhar as criaturas fantásticas, vou ali na Vila Suíca'. Eu disse: 'Meu Deus, estou andando agui no bairro, na Vila Suíça, o trânsito está fechado, as pessoas estão me vendo, o professor está aqui na rua. Foi a primeira vez que eu saí da escola, assim, de cara limpa, e encarei o bairro. Aí, tudo mudou. Porque eu saí, vi os alunos brincando, jogando naquele dia."

Paulo Magalhães, professor da EMEF Duque de Caxias



Eu acho que ele traz para a gente o que é possível. A gente está nas caixinhas que chamamos de escola e você tem medo de sair. Não me canso de falar que foi a Iolanda que me encorajou ir para as ruas porque, quando eu trabalhava no Espaço da Criança, eu tinha medo de ir para as ruas com elas. E, quando

chequei aqui, na primeira semana a Iolanda falou: 'Nós vamos para a rua, vamos para Sesc Carmo, e nem sabia onde o Sesc Carmo ficava. Saía desesperada, tensa mesmo, e, quando comecei a pegar gosto pela coisa, tudo começou a fluir. De certa forma. o projeto veio para me encorajar a ir para as ruas. A gente já tinha o hábito de ir para as ruas antes, mas o projeto veio como reforço. É uma inspiração. Acho que tudo foi marcante."

Edina de Jesus, coordenadora pedagógica do CEI Quintal da Criança

193



O que eu mais gostei no projeto foi que as crianças tinham atividades, não ficavam na rua nem só dentro de casa. Aprenderam coisas novas, brincaram entre elas, fizeram um monte de coisas diferentes. Hoje em dia as crianças não têm muita opção e só querem ficar na frente da tevê, no computador, no celular, não sabem brincar."

Cristiane Silva, família do Glicério, participante do Projeto Criança Fala





O que me fez participar da formação foi o nome Criança Fala. Se está escrito "criança fala", é porque vai ouvir mesmo a criança e a criança vai falar e, talvez, eu veja essa criança falando dentro de mim. As crianças ficavam empolgadas com a música a entregavam aqueles presentinhos que muitas vezes não têm significado, mas, quando uma criança entrega um desenho para um adulto na rua, isso traz um outro sentido. Não é uma pessoa que está ali panfletando na rua. É uma criança que fez um desenho e, para ela, o desenho tem uma simbologia e um significado que ela acredita ser importante. E tem também o sorriso, porque as pessoas conversavam com elas nas ruas também. Era muito bom. No posto de gasolina, as pessoas queriam conversar e abraçá-las. Como é importante o abraço, abraçar uma pessoa que você não conhece. Naquele momento, você nem sabe se a pessoa está precisando daquele abraço, mas, quando ela vem, te abraça e retribui aquele abraço, é muito bom."

Jociane Rodrigues da Silva, professora do CEI Quintal da Criança

### NARRATIVAS DA CIDADE QUE BRINCA

## Narrativas da articulação em rede intersetorial

66

Acho que, para a gente, na escola, o projeto foi bem positivo, pois acredito que aproximou a gente da comunidade. A EMEI Alberto de Oliveira passou por um período em que tinha uma relação boa com a comunidade, de repente ela se fechou e aí acho que o projeto ajudou a gente a ampliar essa relação com a comunidade, trazer os pais mais para a escola. Penso que a pintura do muro foi bem importante para a conservação do espaço, para a participação geral dos pais. Acho que eles se envolveram mais com a escola, se sentiram mais valorizados. Por conta das pinturas das crianças nos muros da escola, surgiu um "calor" na escola. Isso é uma coisa que acho interessante. Um outro ponto bem bacana é estabelecer as parcerias com os outros equipamentos. A gente já tinha parceria com a Unidade de Saúde, mas o projeto ajudou a fortalecer essa parceria."

Dilma Silva, coordenadora pedagógica da EMEI Alberto de Oliveira

Uma das coisas que também teve êxito foi a oportunidade de estendermos essa experiência como uma formação que se deu para os educadores do território, mas a gente trouxe pessoas de diferentes territórios como da Vila Mariana, do Sacomã, do Ipiranga. Eu agradeço a parceria, a paciência e a alegria que vocês tinham nos encontros porque isso sempre demonstrou o desejo do trabalho, de executar tudo da melhor forma, com sensibilidade e seriedade. Agradeço a oportunidade de fazer parte do trabalho do CriaCidade. Foi um trabalho que me tocou e acho que vale muito a pena a multiplicação dele por diversos outros territórios. Figuei muito feliz por esse projeto ter acontecido na DRE Ipiranga e fico ainda mais feliz em saber que a ideia se multiplica por outros lugares no que se refere ao cuidado e aos direitos das crianças."

Erika Freitas, coordenadora do NAAPA da DRE Ipiranga



Foi muito legal quando começamos esse projeto

para mobilizar as crianças. Foi uma coisa tão legal, tão forte, que não só as crianças, mas também as famílias, se envolveram neste projeto e foram com a gente participar dos mutirões nas ruas, dos cortejos. Para nós, foi importante porque as famílias achavam interessante a participação das crianças nas ruas, modificar o bairro, a cor dos muros trouxe nova história para o bairro, novas cores. Transformar lugares que foram marcados por violência, trazer alegria, retratar nesses muros a infância, as brincadeiras... Quando falávamos que haveria cortejo ou pintura dos muros, os pais falavam "Eu também quero ir, quero participar". Eles ficaram muito envolvidos nesse projeto, gostaram muito dele. Foi preciso alguém para incentivar, dar o primeiro passo, e então eles se juntaram com as pessoas querendo fazer algo, compartilhando, participando e se envolvendo."

199

Cleide Costa, professora do CEI Quintal da Criança



A ideia do coletivo, de agir no coletivo, me ensinou mais como cidadão unido de outros cidadãos que

podiam juntos fazer mudanças reais na comunidade e me ensinou também a aprender a agir como coletivo, que é a coisa mais difícil do mundo. Todos ali, por mais que a gente esteja buscando o mesmo objetivo, cada um trabalha em uma área diferente, tem um pensamento diferente, e isso às vezes é difícil para se chegar a um determinado caminho. Uma ideia que posso ter sobre uma coisa pode não ser a mesma que você tem, entende? Todos nós sempre nos respeitamos, sempre tivemos a visão de crescimento de todos nós, sempre tentamos passar feedback, continuar o diálogo, mas o coletivo me ajudou a ter uma noção de logística, de como fazer uma ação e como cada um do coletivo pode ajudar."

**Alexandro do Santo Chagas**, jovem morador e integrante do Glicério Pela Vida



Faço parte do Tudo de Cor. Na verdade, fui eu quem encabeçou dentro da Coral a parceria com a Cria-Cidade para viabilizar o projeto do Projeto Criança Fala. A gente, no Tudo de Cor, acompanha e tem conexão com muitos projetos e muitas iniciativas de tudo quanto é público, de criança a idoso, pessoas com deficiência... Temos contato com muita gente. Mas, pessoalmente, criança é um público que me sensibiliza muito porque são pessoas que têm um futuro inteiro pela frente e que podem transformar a vida de outras pessoas. Elas podem contagiar as outras e, quando a CriaCidade dá voz para isso acontecer, e viabiliza isso, acredito que elas não estão ajudando não apenas as crianças, mas acho que, principalmente, estão ajudando o futuro do país, das cidades, e com um trabalho muito bem definido, que tem muito trabalho por trás do trabalho. É importante dizer isso. É uma estrutura pedagógica, física, uma estrutura emocional que é preciso dedicar ao projeto para que ele aconteça. Porque você fala com pessoas sensíveis, que têm uma sensibilidade muito forte, que é o que falta nos adultos, que a gente esquece, a gente perde isso com os anos e o trabalho a que a CriaCidade se dedica e faz é o resgate desta sensibilidade.

Thiago Ghougassian, Coordenador Tudo de Cor, Tintas Coral Akzonobel







Meu sentimento é este. Gostei e achei as crianças muito participativas, os pais participativos, os professores, então, achei uma união muito gostosa entre funcionários, pais e até mesmo os moradores do bairro que nos encontramos lá fora, que se unimos todos, né? Com a CEI, com o Duque...Então eu gostei muito, achei muito bonitas as parcerias."

Maria Pervósio Silva, agente escolar da EMEI Alberto de Oliveira



O que me inspirou foi a integração entre as escolas do bairro. Houve uma corrente e todas as escolas se reuniam pelo movimento. Teve a caminhada da paz, o cortejo da mulher, o cortejo em homenagem ao Luiz Gonzaga. Trouxe cultura e juntou todas as escolas."

Janaína C. Nascimento, professora do CEI Quintal da Criança



O projeto de revitalização da Praça José Luiz de Mello Malheiros, na região do Glicério, realizado durante o ano de 2014, foi uma experiência desenvolvida na esfera de um projeto de extensão universitária em parceria com a CriaCidade e a Prefeitura da Cidade de São Paulo. O desafio de introduzir o assunto da infância na formação dos arquitetos e da possibilidade de realizar um projeto com esse enfoque surgiu em um contato que tive com a Nayana Brettas, fundadora CriaCidade, no final de 2013. Como teria de apresentar um plano para o desenvolvimento de um projeto de extensão em 2014, e compartilhando do interesse pelo assunto por conta do projeto de Mobiliário Infantil que desenvolvia desde 2004, achei que seria uma oportunidade rara de estudar aspectos pouco explorados em currículos e programas de ensino nos cursos de arquitetura. Para iniciar o projeto, montamos um workshop com palestras de estudiosos e autoridades no tema e desenvolvemos vivências com exercícios de sensibilização para nos reaproximarmos do universo infantil. Nessa ocasião, elaboramos, com o auxílio dos profissionais, estra-

crianças pudessem nos fornecer materiais e registros para servir de insumos na criação do projeto de intervenção de uma praça. Com a análise dos desenhos, registros fotográficos, comentários e reações das crianças, conseguimos elaborar algumas premissas de trabalho, identificar padrões de comunicação e sentidos que nos serviram como instrumentais para a definição do programa de necessidades da praça, bem como de interpretação dos desejos das crianças. De posse desses registros, uma equipe formada por pessoas com diversos perfis realizou a primeira proposta para a praça. Fazer um projeto para a criança exige que nos lembremos de quem já fomos um dia – é necessário resgatar a criança por nós esquecida. Para realizar um bom projeto, é necessário que saibamos nos colocar no lugar do outro. Para se trabalhar com criança, é preciso mais do que uma empatia habitual, mais do que se deslocar do seu eu, é necessário se despir da arrogância – do 'eu sei o que é melhor para você', da vida adulta, e se permitir reconhecer o universo lúdico do faz de conta. Hoje, olhando para o processo e reavaliando todos os impactos que esse processo trouxe para as

tégias de abordagem para que os contatos com as

pessoas que o vivenciaram, reconheço que, apesar de todos lamentarmos a não consolidação física da praça (a despeito de nosso extremo empenho para que isso tivesse ocorrido), ter podido sonhar esse sonho com as crianças e dar forma ao seu/nosso sonho nos fez entender o alcance de um verdadeiro projeto de cocriação — nele, os sujeitos envolvidos transformam os sonhos e são por eles transformados. Obrigada, crianças!"

Denise Xavier, arquiteta e urbanista pela Pontifícia Universidade Católica, mestre em Teoria e História da Arquitetura pela EESC-USP. Professora do Centro Universitário de Belas Artes de São Paulo

207



Fiquei impressionada no dia da entrega do mobiliário, com as crianças todas reunidas e querendo subir no mobiliário, tirando o sapato... Queriam ficar com os pés na madeira, e é tão gostoso ver como uma pequena intervenção no território, mas com todo um processo por trás dela, pode levantar um estímulo tão carinhoso. Acho que foi isso. Elas tiveram uma recepção tão carinhosa quando chegou o mobiliário que acho que nem eu mesma esperava aquilo. Elas

### ficaram tão felizes com aquilo."

**Helena Camargo**, arquiteta e parceira do Projeto Criança Fala com Coletivo Leve

Foi feita uma formação inicial e, posteriormente, as oficinas com as crianças, com os desenhos e brincadeiras. Nas oficinas de desenho, fomos percebendo a dificuldade das crianças em falar de suas moradias. A etapa seguinte foi a oficina de maquete, na qual os alunos construíram uma maquete do espaço da pensão. E, a partir daí, as crianças começaram a interagir mais com os alunos. Começaram a falar do morar, quais os seus problemas, sonhos de uma vida e moradia melhores. A partir das oficinas, os alunos estão desenvolvendo diretrizes de melhoria das condições habitacionais da pensão em relação ao brincar e ao espaço para estudar."

**Débora Sanches**, coordenadora do Projeto de Extensão Arquicriança e professora do Centro Universitário Belas Artes de São Paulo



66

Pelo fato de ser um cômodo só tudo, tudo acontece em um cômodo só. As crianças têm muito a ensinar sobre a questão da família, que está se perdendo hoje. Hoje em dia, a gente mora em uma casa enorme, a gente não fala nem bom-dia nem boa-noite para nossos pais, que moram no mesmo lugar que a gente. As crianças têm muita coisa a nos ensinar sobre a essência da família."

Marcele Lemos Piotto, estudante de arquitetura do Centro Universidade Belas Artes de São Paulo

### NARRATIVAS DA CIDADE QUE BRINCA

## Narrativas do transformar a cidade com as crianças

66

No dia da intervenção do muro, teve várias apresentações, foi onde eu vi que a escola realmente ficou engajada, a escola teve um peso assim cem por cento. Todas as crianças, os pais estavam juntos, professores. Eu convidaria as pessoas para irem aos locais em que foram feitas as intervenções e mostraria para as pessoas por que acho que, quando nós olhamos para a lugar transformado fala melhor do que qualquer palavra."

Rosângela da Silva Rocha, professora da EMEI Alberto de Oliveira

66

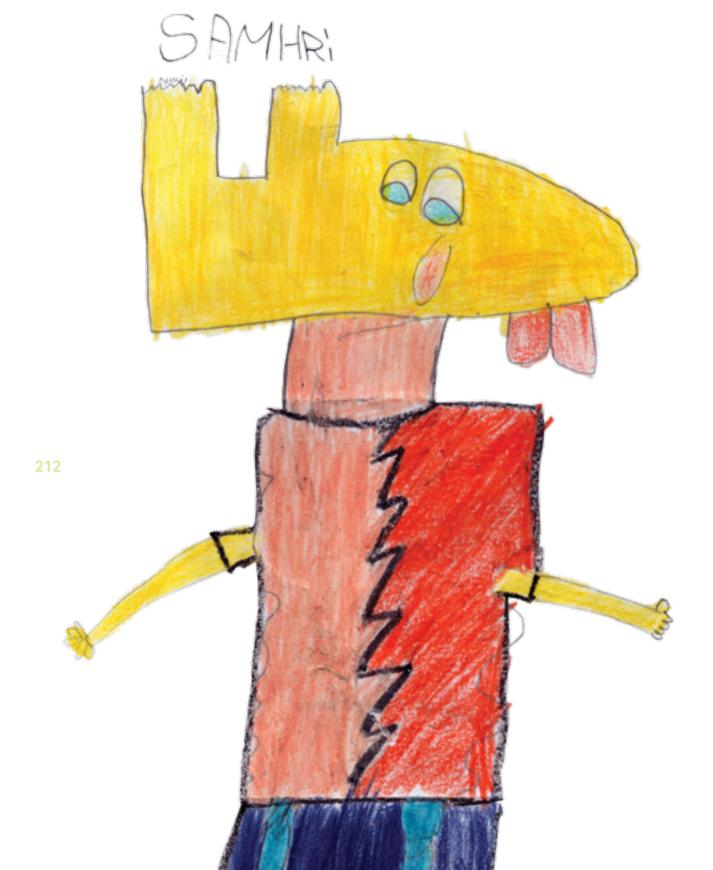
No dia em que a gente fez o mutirão, que vocês deixaram a gente desenhar na parede para ficar uma coisa de que a gente gostava muito, tipo uma obra, mas foi a gente mesmo que fez."

Thifanny Rodrigues, criança participante do Projeto Criança Fala



Tudo o que foi exposto no muro foi gratificante. Pintar o muro da escola foi ainda mais gratificante porque eles viram reproduzidas no muro as criaturas fantásticas que eles criaram. Foi uma coisa que marcou muito eles. Pintar e ver a imaginação deles reproduzida no muro."

Janaína C. Nascimento, professora do CEI Quintal da Criança



### NARRATIVAS DA CIDADE QUE BRINCA

## Narrativas do do documentar a cidade que brinca

66

Vivi os dois lados: Por trás das câmeras e entrevistando as crianças, fui presenteada com uma oportunidade privilegiada: a de escutá-las. Acolher seus depoimentos e expressões mais genuínas, ouvindo tantas profundidades que tinham pra contar e perceber o quanto as crianças sentem seu entorno e são capazes de produzir opiniões críticas.

Do outro lado — quando as crianças pegavam as câmeras, fui convidada a mergulhar no universo criativo delas! Eram elas que nos guiavam em suas jornadas, compartilhavam suas histórias, alegrias, pontos de vistas e nos convidavam a percorrer pelo emaranhado de suas sensações com suas próprias lentes. Em um escorregador de uma praça pública no Glicério, criamos o Manifesto das Crianças: por mais verdes, praças, brincadeiras. Esses dispositivos tecnológicos que inventaram — as câmeras e gravadores audiovisuais — me permitiram acessar esse mundo cheio de cor e criatividade que ainda tem muito pra contribuir e a nos ensinar sobre as relações humanas e a cidade."

Natalie Lima Hornos, produtora do documentário Criança Fala

Anelena Toku, diretora do documentário Criança Fala



216

Participar deste projeto foi uma grande aventura. Ver que existem pessoas preocupadas com o pertencer da população à sua cidade. As fotos que registrei ficarão para sempre nos meus olhos, foram importantes para meu crescimento pessoal e entendimento da cidade e suas regiões mais abandonadas. Agradeço a todos pela oportunidade, pela parceria, e espero que este projeto não acabe e que as pessoas continuem o que já foi iniciado"

Lucas Prada, fotógrafo do Projeto Criança Fala



CIDADE QUE BRINCA



09

APRENDI-ZADOS TIDOS COM AS CRIANÇAS

## O que aprendi com as crianças

### NAYANA BRETTAS

FUNDADORA DA CRIACIDADE E IDEALIZADO-RA DOS PROJETOS CRIANÇA FALA E CIDADE QUE BRINCA Foi nesta brincadeira séria que entrei junto com as crianças, movida pelo sonho de transformar o mundo com elas e ver as pessoas felizes ao se reconectarem com a sua criança, com seus sonhos, com ver o mundo com olhos de encantamento e de esperança.

Durante essa brincadeira, as crianças foram me transformando enquanto *ser humano* e transformando todos do seu entorno: professores, famílias, vizinhos... Elas me ensinaram que o mais importante é *ser* na sua plenitude e não *ter* coisas, títulos, nomes. Simplesmente *ser* que encontra outro *ser*, quando você vê de forma humana o outro que está ali diante de você. As crianças não criam barreiras entre estes dois *seres*. Elas abraçam, sorriem, conversam mesmo sem te conhecer, elas não têm medo do outro.

A criança vê com calma na alma um mundo inteiro pela frente para desvendar, experimentar, recriar, brincar e transformar. Um mundo feito por pessoas para pessoas em que temos encontro com encontro. Aprendi que, nesses encontros, é preciso qualidade de presença, o que as crianças têm em abundância quando brincam porque vivem como

o fluir de um rio na sua inteireza.

Ao aceitar o convite das crianças para entrar nessa brincadeira de transformar cidades, eu me abri para infinitas possibilidades de ver, viver, sentir e experimentar a cidade. Passei a enxergar uma cidade que abriga e conta histórias. Em cada janela mora uma história diferente! Histórias caminhantes narradas pelas crianças que vamos encontrando impressas nas ruas, calçadas e muros por meio de pinturas e grafites.

E, assim, nessa grande séria brincadeira, as crianças vão criando novas cidades, mais criativas, mais humanas, mais brincantes e mais sustentáveis, porque, nesse jogo da descoberta, ir sem medo te leva ao novo.

Incluir as crianças em processos de ocupar, projetar e transformar cidades é trazer respiros poéticos para a cidade que fazem com que os pulmões dela fiquem mais saudáveis! Uma cidade boa para as crianças é boa para todos! É preciso alegrar e colorir a alma da cidade com a presença das crianças!

E, nesse mundo, cabe a cada um de nós criar essas cidades, porque nenhum problema é tão grande quando a solução é coletiva e criativa.



### APRENDIZADOS TIDOS COM AS CRIANÇAS

### aprendizados tidos com as crianças

Durante suas viagens, Nayana Brettas, listou 33 aprendizados que teve com as crianças e o caminho que percorreu na implantação do Projeto Criança Fala, no bairro do Glicério, na cidade de São Paulo. Conheça os 33 aprendizados que Nayana Brettas teve com as crianças:

### 01.

Aprecie a vida com calma e com alma. Viva sem pressa.

### 02.

Busque ver as infinitas possibilidades de solucionar os problemas.

### 03.

Vá sem medo na direção daquilo que te leva ao novo.

### 04.

Seja aberto ao outro – a beleza está nas diferenças.

### 05.

A vida é movimento - se transforma e se recria. Reme no fluir da vida, a direção da vida é uma só: para frente.

### 06.

Veja o mundo com olhos de encantamento e descoberta.

### 07.

A solução está no simples.

### 08.

Encontre disponibilidade em ajudar o próximo – solidariedade e generosidade são a chave do sucesso.

### 09.

Conecte-se com a natureza - viemos dela e somos parte dela.

### 10.

Esteja sempre presente, viva no presente. Tenha qualidade de presença em todas as suas relações. Não se apeque ao passado e nem ao futuro.

### 11.

Seja espontâneo.

### **12**.

Saiba falar: não sei.

### 13.

(Re)crie sempre.

### 14.

Esteja aberto aos convites que te fazem.

### **15**.

Conecte-se com o outro pelo amor: só ele transforma o outro.

### 16.

Esteja aberto ao inesperado.

### **17**.

Seja autêntico: seja você.

### 18.

Tenha confiança em si, e o no outro.

### 19.

Construa relações empáticas - para compreender o outro é preciso se colocar no lugar dele.

20.

Conecte-se com o sonho: ele dá origem ao real.

21.

Conecte-se com o teu coração, com sua intuição.

22.

Seja sempre sincero e verdadeiro em suas relações. Não seja quem você não é e não quer ser.

23.

Veja o mundo olhos poéticos e curiosos.

24.

Brinque!

**25**.

Faça junto.

26.

Encontre alegria até na tristeza e nos momentos difíceis.

**27**.

Não julgue – busque ver a pessoa, e não os perso-

nagens e máscaras que ela veste.

28.

Aprenda fazendo, vivendo, sentindo, pela experiência.

29.

Siga sua intuição.

30.

Tenha sempre brilho nos olhos.

31.

Acredite que tudo é possível – nunca diga não para uma ideia que pense ser impossível.

32.

Seja sincero com você mesmo e com o outro.

33.

Conecte-se com as crianças!

FAZENDO

Fazer uma cidade que brinca, na cidade de São Paulo, no bairro do Glicério, só foi possível porque as crianças e toda a rede de pessoas envolvidas fizeram acontecer com muito amor, alegria, sonhos, encantamento, cooperação, comprometimento!

Vamos todos juntos fazer cidades que brincam com as crianças pelo Brasil e pelo mundo!

Compartilhe com a gente o que você anda fazendo na tua cidade e comunidade! Poste no facebook ou instagram com **#imaginac** 

Acesse nosso site e entre em contato para contar suas histórias de cidades que brinca!

www.imaginac.vc



### BIBLIOGRAFIA

# BIBLIO-GRAFIA PARA INSPIRAR

### **Escutar**

Christensen, Pia e James, Allison. **Investigação com Crianças**: Perspectivas e Práticas. Porto: Escola Superior de Educação, 2005.

Coh, Clarice. **Antropologia da Criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

Corsaro, William. **The Sociology of Childhood**. Londres: Pine Forge Press, 1997.

Freire, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. Paz e Terra, 1996.

Sarmento, Manuel Jacinto e Pinto, Manuel (Coords.). **Saberes sobre as Crianças**. Braga: Universidade do Minho, 1999.

Soares, Natália Fernandes e Tomás, Catarina. "Da Emergência da Participação à Necessidade de consolidação da Cidadania da Infância... Os Intricados Trilhos da Acção, da Participação e do Protagonismo Social e Político das Crianças". In: Sarmento, Manuel Jacinto e Cerisara, Ana Beatriz. **Crianças** 

Soares, Natália Fernandes; Sarmento, Manuel Jacinto e Tomás, Catarina. Investigação de Infância e Crianças como Investigadoras — Metodologias Participativas dos Mundos Sociais das Crianças. In: Sixth Internacional Conference On Social Methodology Recent Developments and Applications in Social Research Methodology. Amsterdã, 16-20 de agosto.

Soares, Natália Fernandes. Infância e Direitos: Participação das Crianças nos Contextos de Vida – Representações, Práticas e Poderes. Tese de doutoramento em Sociologia da Infância. Braga: Instituto de Estudos da Criança da Universidade do Minho, 2009.

### Ocupar

234

Guia do Espaço Público – para Inspirar e Transformar Conexão Cultural.

Maakaroun, Eugenia de Freitas. Maracatu – Ritmos

Sagrados. Dissertação de Mestrado, Belo Horizonte, 2005.

Tonucci, Francesco. La ciudad de los niños. Barcelona, Grao 2015.

Tonucci, Francesco. **Quando as crianças dizem:** agora chega! São Paulo, Artmed Editora, 2005

### Articulação em Rede

Castells, Manuel. **A Sociedade em Rede**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1999.

Plano Nacional Primeira Infância – Rede Nacional Primeira Infância, Brasília, 2010.

### **Projetar**

Lima, Mayumi Sousa. **A Cidade e a Criança**. São Paulo: Nobel. 1989.

Lima, Mayumi Sousa. **Arquitetura e Educação**. São Paulo: Nobel, 1995.

### **Transformar**

Almeida, Elvira. Arte Lúdica. São Paulo: Edusp, 1997.

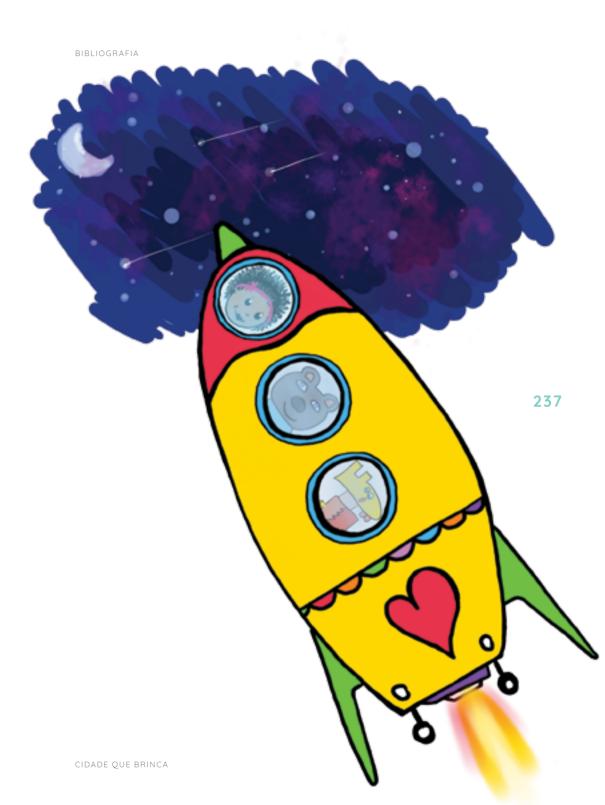
Gehl, Jan. **Cidades para pessoas**. Tradução de: Anita Di Marco. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

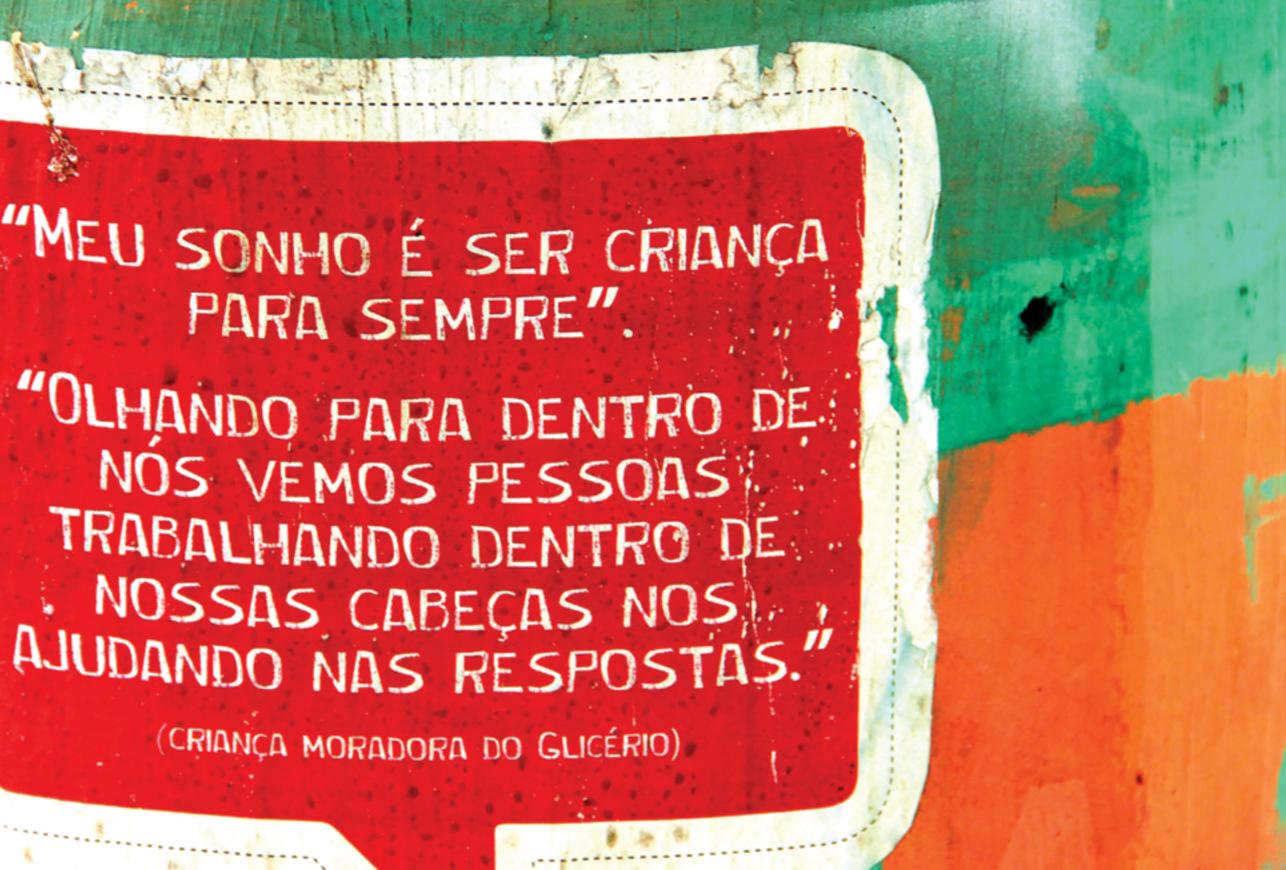
Srur, Eduardo. **Manual de Intervenção Urbana**. 1. ed. São Paulo: Bei Comunicação, 2012.

### **Documentar**

Edwards, Carolyn; Gardini, Lella, Forman, George (Org.). As Cem Linguagens da Criança: a experiência de Reggio Emilia em transformação. Grupo A Educação, 2015.

Christensen, Pia e James, Allison. **Investigação com Crianças: Perspectivas e Práticas**. Porto: Escola Superior de Educação, 2005.





### ERA UMA VEZ UMA BRINCADEIRA QUE TINHA O PODER DE TRANSFORMAR CIDADES...

Foi nesta brincadeira séria que entrei junto com as crianças moradoras do bairro do Glicério, na cidade de São Paulo, movida pelo sonho de transformar o mundo com elas, e ver as pessoas felizes ao se reconectarem com a sua criança, com seus sonhos, com ver o mundo com olhos de encantamento e de esperança. Durante esta brincadeira as crianças foram me transformando enquanto SER HUMANO e transformado todos do seu entorno: professores, famílias, vizinhos...

Ao aceitar o convite das crianças de entrar nesta brincadeira de transformar cidades me abri para infinitas possibilidades de ver, viver, sentir, experimentar a cidade. Passei a enxergar uma cidade que abriga e conta histórias. Em cada janela mora uma história diferente! Histórias caminhantes narradas pelas crianças que vamos encontrando impressas nas ruas, calçadas, muros por meio de pinturas e grafites do bairro do Glicério. E, assim, nesta grande séria brincadeira, as crianças vão criando novas cidades, mais criativas, mais humanas, mais brincantes, mas sustentáveis porque neste jogo da descoberta ir sem medo te leva ao novo.

Apoio

